

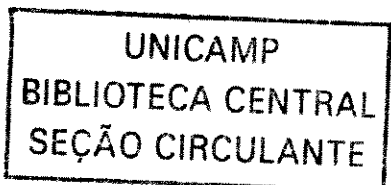
Regina Maria Fonseca Ferreira

***ENTRE TRADUÇÃO, PSICANÁLISE E DESCONSTRUÇÃO:
O INTERVALO ANASSÊMICO***

Dissertação apresentada ao Curso de
Linguística Aplicada do Instituto de Estudos
da Linguagem da Universidade Estadual de
Campinas como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em Linguística
Aplicada na Área de Teoria da Tradução

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Ottoni

**Unicamp
Instituto de Estudos da Linguagem
2002**



UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	T/UNICAMP
	F413e
V	EX
TOMBO BC/	53187
PROC.	124103
C ☐	D ☒
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	17/09/03
Nº CPD	

2

CM00182182-0

BIB ID 288053

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

F413e Ferreira, Regina Maria Fonseca
Entre tradução, psicanálise e desconstrução: o intervalo anassêmico
/ Regina Maria Fonseca Ferreira. - - Campinas, SP: [s.n.], 2002.

Orientador: Paulo Roberto Ottoni
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Abraham, Nicolas, 1919-1975. 2. Derrida, Jacques, 1930-. 3. Tradução e interpretação. 4. *Desconstrução. 5. Psicanálise. 6. *Anasemia. I. Ottoni, Paulo Roberto. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.



Prof. Dr. Paulo Roberto Ottoni

Prof. Dra. Nina Virgínia de Araújo Leite

Prof. Dra. Maria José Rodrigues Faria Coracini

Prof. Dra. Viviane Veras (Suplente)

Este exemplar e a redação final da tese
defendida por Regina Maria

Fonseca Ferreira.

e aprovada pela Comissão julgadora em
18/03/2003.



Agradecimentos

Ao CNPq, pela bolsa concedida nos últimos dois anos.

Ao Prof. Dr. Paulo Roberto Ottoni, pela condução firme e tranquilizadora do barco, mesmo nos momentos em que eu não conseguia ver terra firme; à banca, formada pelas Profas. Dras. Nina Virgínia de Araújo Leite, Maria José Rodrigues Faria Coracini e Viviane Veras; e aos professores da UNICAMP que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

À colega Élide Paulina Ferreira, pelas várias e valiosas contribuições, desde a redação do projeto até a finalização desta dissertação.

À amiga Tânia Regina de Souza Romero, pelo incentivo, pelas numerosas manifestações de amizade e por ter me mostrado o caminho.

Aos meus pais, Sinhá e Ralpho, pelo exemplo, pelo carinho e por terem me iniciado nas letras e na tradução.

Ao meu marido Eugênio, por todo amor em todas as suas manifestações.

Dedicatórias

À criação do grupo de trabalho *Traduzir Derrida: Políticas e Desconstruções*, do qual esta dissertação passa a ser a primeira manifestação oficial.

À minha irmã Rejane, para que esteja sempre comigo neste percurso.

A Juarez Benício da Fonseca, *in memoriam*.

Sumário

Resumo.....	6
Introdução	7
Estrutura da dissertação e objetivos	8
Capítulo primeiro	12
1.1. Antes de tudo, Freud.	13
1.2. <i>Vocabulaire de la Psychanalyse</i> : o <i>corpus juris</i> da coisa psicanalítica.....	14
1.3. <i>L'Écorce et le Noyau</i> : a conversão mental proposta por Nicolas Abraham	20
1.4. <i>Moi – la psychanalyse</i> e uma teoria insólita de tradução	27
1.5. O entre, o inter, o <i>in between</i> como espaço anassêmico	39
Capítulo segundo	45
2.1. A tradução como acontecimento anassêmico	46
2.2. <i>Moi – la psychanalyse</i> e suas traduções: um exercício anassêmico.....	47
2.2.1. Exercício 1.....	49
2.2.2. Exercício 2.....	54
2.2.3. Exercício 3.....	58
2.2.4. Exercício 4.....	65
2.2.5. Exercício 5.....	68
2.2.6. Um prolongamento do exercício anassêmico	73
2.3. Entretanto, ainda algumas palavrinhas... ..	75
Capítulo terceiro	78
3.1. O intervalo anassêmico como escritura	79
3.2. Língua, linguagem e idioma – considerações para a psicanálise e a tradução... ..	80
3.3. Inconsciente, escritura e tradução.....	88
Considerações finais.....	95
O alcance da anasemia para a tradução e a psicanálise	96
<i>Abstract</i>	101
Referências bibliográficas	102

Resumo

Esta dissertação reflete sobre o entrelaçamento de quatro textos: *Vocabulaire de la Psychanalyse* (*Vocabulário da Psicanálise*), de Laplanche e Pontalis (2001); *L'Écorce et le Noyau* (*A Casca e o Núcleo*), de Nicolas Abraham (1995); *Moi – la psychanalyse* (*Eu – a psicanálise*), de Jacques Derrida (2000); e *Ensaio sobre a criação teórica em psicanálise*, de Fábio Landa (1999). A análise destes textos permitiu-me concluir que há uma convergência de reflexão que aproxima psicanálise e tradução. Por um lado, Abraham concebeu o conceito da anassemia, que descreve a produção de significado, no campo da psicanálise, concentrada no intervalo entre o consciente e o inconsciente. Ele chegou a este conceito após uma leitura psicanalítica do *Vocabulaire de la Psychanalyse*, o que o levou a detectar um movimento de tradução que ocorre primeiro dentro de uma determinada língua e, então, *entre* línguas. Por sua vez, Derrida abraça o texto de Abraham e transforma o evento da anassemia em tradução anassêmica, a que ocorre já dentro do próprio texto na língua em que foi concebido e também entre o texto de partida e o texto de chegada. Neste sentido, a produção de significado ocorre no intervalo entre as duas línguas e este intervalo produz negociação e contaminação de significância, reconhecendo, também, a diferença e a alteridade. Com base nesta convergência, concluí, em primeiro lugar, que a noção do “entre”, do *in between*, de Derrida, aborda a tradução como um evento anassêmico, levando em consideração a linha de reflexão psicanalítica de Abraham. Posteriormente, concluí que, embora Derrida aparentemente jamais tenha voltado a mencionar o termo anassemia em seus textos publicados após o *Moi – la psychanalyse*, ainda há “sintomas” da anassemia em sua obra, como na noção da *différance* e do *double bind*, na abordagem do “Eu” [Moi] da psicanálise e na forma com que Derrida declara escrever para seus tradutores e para ser traduzido, colocando-se em um intervalo de negociação e contaminação, no próprio intervalo anassêmico.

Palavras-chave: Abraham, Derrida, anassemia, desconstrução, psicanálise, tradução.

Introdução

Estrutura da dissertação e objetivos

Durante o 2º. Semestre de 1999, ainda como aluna especial do curso de Linguística Aplicada deste IEL – Instituto de Estudos da Linguagem, mais especificamente da disciplina de Tópicos em Tradução – Tradução e Psicanálise, ministrada pelo Prof. Dr. Paulo Roberto Ottoni, tive a oportunidade de entrar em contato com diversos textos que exploravam a temática da tradução orientada para a questão da psicanálise. O entrelaçamento dos dois temas permite explorar vários ângulos de observação e aquele que me pareceu mais promissor envolvia três textos que, desde logo, apresentavam um entretecimento bastante desafiador. Ao mesmo tempo em que pareciam bastar-se em sua urdidura, deixavam fios soltos como um convite à inclusão de novos textos.

Os textos a que me refiro são os seguintes: *Vocabulaire de la Psychanalyse*, de Jean Laplanche e Jean-Baptiste Pontalis; *L'Écorce et le Noyau*, de Nicolas Abraham; e *Moi – la psychanalyse*, de Jacques Derrida¹. Durante o semestre em que foi desenvolvida a disciplina, os três textos que, de uma certa forma, já configuravam uma urdidura, mostraram-se altamente instigantes. A partir deles, desencadeou-se uma série de reflexões que viriam a produzir, mais tarde: 1) a dissertação para obtenção do grau de Mestre (*ENTWURF DE UMA TRADUÇÃO: Gabbi Jr. Traduz Freud*), 2) o projeto para ingresso no programa de doutorado (*Traduzir a língua de Freud: entre o necessário e o impossível*) e 3) o artigo *Tradução Anassêmica como Manifestação da Différance*, publicado na revista *Pulsional*², por Zelina Márcia Beato³; 4) a tradução do texto completo de *Moi – la*

¹ Estes três textos serão comentados detalhadamente nos segmentos a eles dedicados.

² Edição nº 158, junho de 2002, pp. 41-7.

³ Aluna do Programa de Doutorado em Linguística Aplicada do IEL, orientada pelo Prof. Dr. Paulo Ottoni.

psychanalyse, para o português, por Élide Paulina Ferreira⁴; e 5) o meu próprio projeto para ingresso no programa de mestrado do IEL. Em julho de 2001, Beato, Ferreira e eu tivemos a oportunidade de apresentar um painel abordando este entrelaçamento no VIII Encontro Nacional de Tradutores – II Encontro Internacional de Tradutores na UFMG, em Belo Horizonte⁵.

O que constituiu meu primeiro desenho do projeto para ingresso no mestrado foi constatar que, através do encadeamento dos três textos, era possível traçar uma trajetória na qual, em se tratando da tradução do texto freudiano, de uma cena que sugere uma relação de signo e decodificação, na obra de Laplanche e Pontalis, passava-se para a noção de símbolo e de algo denominado tradução anassêmica, nos referidos textos de Abraham e Derrida, sendo que o símbolo, por sua vez, passava a ser tratado como símbolo psicanalítico e mais adiante como símbolo anassêmico⁶. Entretanto, como prova do relacionamento prolífico entre os três textos, novas questões se colocaram em minha análise e uma, em especial, impôs-se como o fio condutor, como o argumento que estarei defendendo nesta dissertação: a partir das respostas de Abraham e Derrida ao grande projeto de tradução contido no *Vocabulaire de la Psychanalyse*, procurarei demonstrar que há uma grande convergência de questionamentos entre a noção do “entre”, do *inter*, do *in between* – palco das negociações de significados, de não-apagamento da diferença entre

⁴ Utilizarei esta tradução (publicada na edição nº 158 da Revista *Pulsional*, pp. 11-21) no decorrer desta dissertação. Élide Paulina Ferreira é aluna do Programa de Doutorado em Linguística Aplicada do IEL, sob orientação de Paulo Ottoni.

⁵ Os trabalhos apresentados tinham por título: *A tradução anassêmica como manifestação da différance*, Nicolas Abraham e Jacques Derrida: *tradução anassêmica do eu (moi) da psicanálise* e *A trajetória do símbolo na tradução da psicanálise*, respectivamente.

⁶ O adjetivo anassêmico e o correspondente substantivo anasemia serão abordados mais adiante no segmento dedicado ao texto *L'Écorce et le Noyau*.

culturas e línguas na tradução – como quer Derrida, e a anasemia⁷ - figura a-semântica proposta por Abraham para explicar as negociações ou produções de significados entre o consciente e o inconsciente, no âmbito da psicanálise - o que não deixa de configurar igualmente uma teoria de tradução. Embora a questão da anasemia defendida por Abraham apenas atualmente venha ganhando novo e maior destaque, através das reflexões e esforços, entre outros, do Prof. Dr. Fábio Landa, consubstanciados principalmente no *Ensaio sobre a criação teórica em psicanálise – De Ferenczi a Nicolas Abraham e Maria Torok* (1999), percebe-se que ela influenciou e vem influenciando notavelmente a produção textual de Derrida, desde a escritura de *Moi – la psychanalyse* (1982 e 1987a) até alguns de seus textos mais recentes como, por exemplo, *Estados-da-alma da psicanálise – o impossível para além da soberana crueldade* (2001a).

No primeiro capítulo desta dissertação, comentarei cada um dos três textos e, ao final dos comentários, estarei desenvolvendo minha reflexão a respeito do intervalo anassêmico, a partir das conclusões que minha leitura dos três textos propiciou.

No segundo capítulo, analisarei passagens de *Moi – la psychanalyse*, de Derrida, em francês, inglês, espanhol e português, como uma forma de encenar tanto a questão do “entre” quanto a da anasemia que entram em jogo nessas traduções. Ao final da análise, apresentarei minhas reflexões a respeito de língua, linguagem e idioma, com consequências importantes geradas a partir do texto *Freud e a Cena da Escritura* de Derrida (1971), e sobre inconsciente, escritura e tradução, segundo Derrida, Bass e Ottoni.

⁷ De *anasémie*, em francês. Anasemia é a tradução de Coracini para o termo de Abraham. Landa utiliza a tradução anasemia. Adotei a tradução de Coracini que me parece mais familiar no português. Em 2.2.6. adiante, estarei comentando a escolha entre “anasemia” e “anasemia” como um evento anassêmico.

Nas considerações finais, retomo as questões levantadas, ressaltando aspectos da produção de significados, tanto no espaço “entre” quanto no espaço anassêmico, estendendo-me no alcance da anasemia atualmente.

O objetivo desta dissertação é discutir a forma com que, na tradução, tanto do ponto de vista da desconstrução de Derrida, quanto a partir das reflexões sobre psicanálise e anasemia desenvolvidas por Abraham e Landa, o que está em jogo não é o transporte sem perdas de significados de um ponto a outro, seja no caso de uma língua de partida para uma língua de chegada, seja na passagem do inconsciente para o consciente. O que se mostra como questão crucial é o movimento de significação que ocorre nesse intervalo “entre” ou anassêmico, o que abre espaço para o prosseguimento de reflexões em torno, por exemplo, do *double bind* - a necessidade e a impossibilidade na tradução -, da questão da im-pureza e da contaminação entre línguas (cf. Ottoni, 2000) e da sobrevivência da anasemia na produção textual de Derrida, temas de reflexão importantes para a desconstrução e a tradução.

Capítulo primeiro

1.1. Antes de tudo, Freud.

Amo muito, a meu modo, tudo que desconstruo; os textos que quero ler do ponto de vista da desconstrução são textos que amo, com aquele impulso de identificação indispensável à leitura.

Jacques Derrida⁸

Conforme antecipei na introdução a esta dissertação, são três os textos em torno dos quais gira a minha reflexão. Em se tratando de três textos, claro está que percebi entre eles um entrelaçamento, o que me remete à questão da intertextualidade. Com esse cenário em mente, portanto, não posso deixar de aludir a outras obras que também fazem parte desta tessitura, mais notadamente todo o conjunto das obras de Freud, que desenvolvem a base teórica da psicanálise, com todos os termos próprios que provocaram a necessidade da confecção do *Vocabulaire*.

Para o interesse deste trabalho, ressalto que, não bastasse o impacto dos textos freudianos sobre o pensamento ocidental após sua divulgação, sua produção textual, paralelamente, desenvolveu uma nova linguagem, a linguagem psicanalítica, com conceitos e articulações próprios. Freud valeu-se de sua língua, o alemão, para formar uma nova linguagem que desse conta da divulgação e da administração da psicanálise, o que já denota um movimento de tradução dentro da própria língua alemã.

É importante frisar que esta dissertação não tem como objetivo aprofundar-se na produção freudiana, entretanto. Assim, com o intuito de concentrar a atenção nas questões da psicanálise e da tradução, da desconstrução e da anasemia, passo a discutir os três textos mencionados. Comentarei inicialmente o *Vocabulaire de la Psychanalyse*, de

⁸ (1985), *The Ear of the Other: Otobiography, Transference, Translation*, ed. Christie McDonald, New York: Schocken Books, apud. Ellman (2000).

Laplanche e Pontalis, depois o *L'Écorce et le Noyau*, de Nicholas Abraham, para, então, comentar o *Moi – la psychanalyse*, de Jacques Derrida.

1.2. *Vocabulaire de la Psychanalyse*: o corpus juris da coisa psicanalítica

Na análise que desenvolverei sobre este texto, estarei abordando aspectos do projeto de Laplanche e Pontalis, materializado no *Vocabulaire*, que podem ter instigado as reflexões de Abraham em seu texto *L'Écorce et le Noyau*. Veremos mais adiante, nos comentários sobre o texto de Abraham, de que forma esses aspectos contribuíram para a temática da possibilidade de teorização vs. atitude doutrinária.

Daniel Lagache comenta, na edição brasileira da obra, *Vocabulário da Psicanálise* (2001), que foram estes os passos que levaram à publicação da obra: em decorrência da necessidade de se apreender toda a conceituação e terminologia referentes à psicanálise, foram tomadas algumas iniciativas, na forma de glossários, ao final de algumas obras didáticas, e de definições em vocabulários e dicionários voltados à psicologia e à psicopatologia. Entretanto, a própria evolução da psicanálise pedia um “instrumento de trabalho especializado e completo” (Laplanche e Pontalis, 2001, Prefácio, V). Ainda conforme Lagache, uma das obras que mais se aproximaram desse projeto foi o *Handwörterbuch der Psychoanalyse*, do Dr. Richard F. Sterba, publicado entre 1936-1937 e interrompido na letra L, por conta da “minha megalomania ou [da] de Hitler”, nos dizeres do próprio autor. Já introduzindo um dos aspectos que virão a ser considerados objeto de reflexão para Abraham, Landa (1999) comenta a autocrítica de Sterba:

A suspeita de Sterba sobre sua própria megalomania pode ser considerada uma advertência contra toda tentativa de codificar a psicanálise de maneira enciclopédica, porque essa iniciativa é um fracasso pela desnaturação do discurso psicanalítico que ela implicaria. E ao ousar ultrapassar o limite da codificação, desvia-se por uma aventura doutrinal.

(p.172)

Houve também uma coletânea de textos de Freud traduzida para o inglês e publicada por Fodor e Gaynor em 1950, com prefácio de Theodor Reik, intitulada *Freud: Dictionary of Psychoanalysis*.

Tendo essas iniciativas como ensaios, o projeto da execução do vocabulário da psicanálise começou por volta de 1937-1939. Entretanto, pelo extravio de dados e ausência de documentos, o projeto ficou dormente até 1958, quando foi retomado, norteado pelo espírito histórico-crítico do *Vocabulaire de la philosophie*, de Lalande. Entram nesse momento em cena, como colaboradores, Jean Laplanche e Jean-Baptiste Pontalis que, durante 8 anos, responsabilizaram-se pela “consulta da literatura psicanalítica e a reflexão sobre os textos, a redação dos projetos de artigos, a revisão desses projetos e o seu acabamento”. (Laplanche e Pontalis, 2001, Prefácio, V).

Tanto o prefácio de Daniel Lagache à obra, quanto a introdução dos autores, Laplanche e Pontalis, são rigorosos ao estabelecer os critérios que nortearam a execução do *Vocabulaire de la psychanalyse*, publicado em 1967, pela PUF, em Paris. A obra conta com tradução para o português, por Pedro Tamen, publicada em 1982, em Portugal. Para a edição brasileira, a obra foi revisada e adaptada com a colaboração do Dr. João dos Santos. Essa edição foi publicada no Brasil em 1991 pela Livraria Martins Fontes Editora.

Lagache, apontando para as imperfeições do vocabulário concebido por Freud, comenta que:

são freqüentes a *polissemia* e as *sobreposições semânticas*; nem sempre palavras diversas invocam idéias muito diferentes. Lutamos então com as palavras, mas não pelas palavras. Por trás das palavras, é preciso encontrar fatos, idéias, a *organização conceitual* da psicanálise. (Laplanche e Pontalis, 2001, Prefácio, VI, *itálicos meus*)

Em seguida, ao discorrer sobre como atingir tal objetivo, a “organização conceitual da psicanálise”, Lagache determina como é possível chegar-se a um vocabulário ideal:

No entanto, o *essencial* da terminologia freudiana resistiu ao tempo: as inovações, aliás, pouco numerosas, implantaram-se nela sem lhe alterar a organização e a tonalidade. Logo, um vocabulário não pode limitar-se a definições que distingam os *diversos* sentidos de que os termos psicanalíticos se puderam revestir; é preciso um comentário apoiado em referências e citações que justifiquem as propostas apresentadas. Esse comentário implica uma extensa consulta da literatura, mas sobretudo o conhecimento dos escritos freudianos, já que é *exatamente nos escritos freudianos que se encontram as bases da conceituação e da terminologia*, e visto que as dimensões da literatura desafiam as possibilidades de um investigador isolado ou de uma equipe pouco numerosa. Depois, tal vocabulário não pode assentar apenas na erudição, *exige especialistas familiarizados com a experiência psicanalítica*. [...] Finalmente, trata-se

de recensear acepções, de esclarecê-las umas através das outras, de lhes assinalar as dificuldades *sem pretender decidir*, inovando pouco – por exemplo, *para propor traduções mais fiéis*. (Ibidem, VI, itálicos meus)

O objetivo dos itálicos que incluí é realçar aspectos do texto de Lagache que apontam para a orientação do projeto: há uma origem, uma essência no pensamento freudiano que se buscou resgatar, visando a resguardá-la da polissemia, das sobreposições semânticas, dos diversos significados para um termo só. Alcançar essa essência, essa origem, também busca abolir a decisão, para se atingir uma tradução mais fiel.

Vemos, entretanto, a partir da introdução dos autores Laplanche e Pontalis à obra, que esse objetivo vem a diluir-se de variadas formas, já que, no desenvolvimento do projeto do *Vocabulaire*, várias decisões tiveram que ser tomadas. Por exemplo, já na primeira frase do texto, os autores comentam que “o presente trabalho incide sobre os principais conceitos da psicanálise e implica um certo número de opções”. (Ibid., Introdução, IX).

Os dois parágrafos seguintes ocupam-se em descrever situações em que foi preciso tomar uma decisão: primeiro, a adotar um manual alfabético onde se tratasse não apenas “da libido e da transferência, mas do amor e do sonho, da delinquência ou do surrealismo” os autores preferiram “analisar o aparelho nocional da psicanálise, isto é, o conjunto dos conceitos por ela progressivamente elaborados para traduzir as suas descobertas. O que este *Vocabulário* visa não é tudo o que a psicanálise pretende explicar, mas aquilo de que ela se serve para explicar”. (Ibid.)

Segundo, os autores tiveram que decidir entre recensear a multiplicidade de concepções decorrentes dos vários movimentos psicanalíticos e de seus grupos de analistas e restringir-se à sua “originalidade própria”, privilegiando o momento de sua descoberta, ou

seja, sua origem em Freud. Os autores seguiram a segunda opção, mas, em seguida, explicam que admitem a interferência de outras origens nessa restrição a que se condicionaram:

Esta mesma preocupação de reencontrar as fundamentais contribuições conceituais implica tomarmos em consideração outros autores além de Freud. Foi assim que, para citarmos apenas um exemplo, apresentamos um certo número de conceitos introduzidos por Melanie Klein. (Ibid.)

O *Vocabulaire* é sem dúvida uma obra de fôlego e o tempo que levou para ser concluída denota o empenho e o rigor que orientaram sua preparação. Contudo, apesar do denodado empenho dos autores em conter a polissemia e, aqui eu incluiria, a disseminação dos significados (cf. Derrida, 1972), através das tomadas de decisão, da escolha dos autores autorizados a ter pareceres incluídos no *Vocabulaire* e da constante referência a Freud como a única origem de significado - apesar da referência a outros autores “autorizados”-, Laplanche e Pontalis terminam por demonstrar que tal empreendimento não se sustenta em termos de preservação e de manutenção de significados.

No entendimento de Laplanche, Cotet e Bourguignon, na obra *Traduzir Freud* (1992), o principal empreendimento de Laplanche é ser o tradutor mais isento, mais imparcial da obra freudiana, principalmente no sentido de interromper a proliferação de interpretações dos “organismos psicanalíticos oficiais”, tarefa que reputam como

simplesmente inevitável, se lembrarmos que Freud, tanto quanto um autor ou mesmo um mestre, pretendia ser fundador de um movimento

organizado, para o qual sua obra desempenhasse o mesmo papel de cimento que tem o texto sagrado para uma igreja. (pp. 3-4).

A partir do Prefácio e da Introdução ao *Vocabulaire*, pude então detectar alguns aspectos do projeto da obra que possibilitarão a reflexão de Abraham, materializada na escritura do *L'Écorce et le Noyau*. Temos em princípio a preocupação em impedir a proliferação de entendimentos a partir de outros movimentos psicanalíticos, o que de certa forma significa uma interrupção em termos de negociação de significados. Em consequência, considerando terem desenvolvido uma sistemática que preserva o pensamento de Freud, os autores assumem uma responsabilidade de co-autoria pelos conceitos psicanalíticos levantados no *Vocabulaire*. E, por fim, a recusa em negociar com outros movimentos, visando a preservar o pensamento freudiano, denota um posicionamento doutrinário em relação à conceituação psicanalítica, em detrimento de um cenário que propicia a teorização e é este, em suma, o gesto que provocará a reflexão de Abraham.

Na cena da tradução, a postura dos autores do *Vocabulaire* denota o empenho em manter a fidelidade do tradutor ao texto, em preservar “a essência” do autor e em buscar, na passagem do texto original para o texto traduzido, um transporte de significados estável e sem perdas. Como procurarei demonstrar na análise dos dois próximos textos, em se tratando de tradução, principalmente a partir da reflexão que nos permite a psicanálise, via Abraham, há todo um mecanismo de negociações em jogo - entre o texto de partida e o de chegada, entre o inconsciente e o consciente - que abala essas noções de estabilidade, de fidelidade e de essência.

1.3. *L'Écorce et le Noyau*: a conversão mental proposta por Nicolas Abraham

O texto metafísico é uma tecedura que serve de proteção contra a ameaça da escritura que viria do exterior contaminar o interior.

Sarah Kofman (1984)

Esta tradução traduz-se numa tradução interna (franco-francesa) jogando com a não identidade a si de toda a língua. Jogando e fruindo com ela.

Jacques Derrida (2001b)

Algumas considerações se impõem antes de meus comentários sobre a obra de Abraham. A primeira refere-se a uma decisão sobre os textos que escolhi para compor a textualidade, o entorno do *L'Écorce et le Noyau*. Por um lado, o texto foi urdido ao redor do *Vocabulaire de la Psychanalyse*, de Laplanche e Pontalis, tornando este último, portanto, referência obrigatória. Por outro, a leitura de dois outros textos foi decorrência necessária da análise do *L'Écorce*, a saber, *Moi – la psychanalyse*, de Jacques Derrida (1982, 1987a), e os capítulos “Símbolo” e “Anasemia” de *Ensaio sobre a criação teórica em psicanálise – de Ferenczi a Nicolas Abraham e Maria Torok*, de Fábio Landa (1999), que, por sua importância para esta dissertação, pode ser considerado o quarto texto da urdidura. O texto de Derrida é totalmente dedicado ao *L'Écorce*, enquanto Landa lança-se numa abordagem mais ampla para explorar e situar a influência das concepções de Ferenczi na obra de Nicolas Abraham e Maria Torok. Uma vez que o próximo segmento focalizará especificamente o *Moi – la psychanalyse* de Derrida, procurarei privilegiar aqui a análise de Landa, o que permitirá enriquecer estes comentários com mais informações sobre os gestos primeiros que levaram Abraham a iniciar a reflexão para a qual é necessária uma verdadeira “conversão mental”.

À guisa de introdução, cabem aqui alguns dados biográficos a respeito de Abraham e de sua colaboradora ou co-autora Maria Torok e sobre a produção destes dois autores. Os primeiros dados nos são fornecidos por Maud Ellmann (2000):

Nicolas Abraham e Maria Torok eram imigrantes da Hungria que foram aceitos como membros pela Sociedade Psicanalítica de Paris e trabalharam como psicanalistas clínicos de 1956 em diante. Após a morte de Abraham em 1975, Torok assumiu a editoria geral de sua produção conjunta, das quais duas obras de destaque foram publicadas até agora em inglês: *The Wolf Man's Magic Word: A Cryptonymy* (1986) [A palavra mágica do Homem dos Lobos: uma criptonímia], com prefácio de Derrida intitulado "Fors" ["Fora"]; e *The Shell and the Kernel* (1994) [A Casca e o Núcleo, original em francês *L'Écorce et le Noyau*]. (p. 229, minha tradução)

Derrida (2002), complementando estes dados, descreve desta forma as obras incluídas em *L'Écorce et le Noyau*:

Todos os ensaios anteriores a 1968, data de *L'Écorce et le Noyau*, guardam um traço ainda bastante produtivo. Refiro-me particularmente às *Reflexions phénoménologiques sur les implications structurelles et génétiques de la psychanalyse* (1959) [Reflexões Fenomenológicas sobre as Implicações Estruturais e Genéticas da Psicanálise] e a *Le Symbole ou l'au-delà du phénomène* (1961) [O Símbolo ou o Além do Fenômeno]. Todos estes textos estão organizados no volume que porta o título *L'Écorce et le Noyau* (1978). (p. 14)

Temos mais alguns dados sobre o entorno do texto *L'Écorce et le Noyau* na produção de Abraham e Torok. Na introdução ao *Ensaio sobre a criação teórica em Psicanálise*, em Landa (1999), Pierre Fédida comenta:

Antes mesmo que esses escritos fossem reunidos numa primeira coletânea (1987) *L'Écorce et le Noyau*, vivemos um intercâmbio extremamente fecundo com esses textos, que são (1968) “Maladie du deuil et fantasme du cadavre exquis” [“Luto patológico e o fantasma do cadáver delicioso”], (1971) “La topique réalitaire” [“A tópica realitária”], (1973) “La maladie de soi-à-soi” [“A doença de si-mesmo-a-si-mesmo”] e, mais tarde, (1976) *Le verbier de l'homme aus loups* [“O verbário⁹ de Wolfman”].

Finalmente, considero relevante, para o cenário deste trabalho, lembrar que o próprio Abraham dedicou-se à atividade e à reflexão sobre tradução, não apenas no âmbito psicanalítico. Em passagem inspirada do *Moi – la psychanalyse*, Derrida (2002) elabora:

O prazer que Nicolas Abraham, durante toda a sua vida, teve em traduzir, sobretudo os poetas (Babits, G. M. Hopkins, Shakespeare, etc) e em meditar sobre a tradução, nós o compreendemos e o partilharemos melhor se nos transportarmos, se nos traduzirmos a nós mesmos, tendo em vista isto que ele nos diz de anasemia e de símbolo, e se o lermos voltando para o seu texto seus próprios protocolos de leitura. (p. 19).

⁹ A tradução “verbário” para *Verbier* foi sugerida por Landa (1999) em sua tradução do texto *Fors* [“Fora: as palavras angulosas de Nicolas Abraham e Maria Torok”], de Jacques Derrida, incluído em *Ensaio sobre a criação teórica em psicanálise*. Ele explica em nota de tradutor: “Utilizamos “verbário” em analogia a herbário apoiado no sentido que os autores quiseram dar, como se poderá constatar neste texto mesmo, um pouco adiante” (p.270).

Conforme a colaboradora de Abraham, Maria Torok (cf. Abraham 1999, p.150, Posfácio), ele teria produzido até o último dia de sua vida, 18 de dezembro de 1975, quando teria retocado os dois últimos versos de sua tradução do poema *Jonas Könyve*, de Michael Babits (*Le Livre de Jonas*, na tradução). Esta obra é a própria fusão da tradução com a psicanálise, pois, ao lado de cada bloco traduzido, Abraham insere comentários psicanalíticos pertinentes à passagem. Este trabalho foi publicado no livro *Jonas et le cas Jonas – Essai de psychanalyse littéraire* (Abraham, 1999) [Jonas e o caso Jonas – Ensaio de psicanálise literária].

Estou utilizando as considerações acima como movimento de aproximação da questão mais contundente que, acredito, é o *Leitmotiv* deste segmento: o que, afinal, levou Abraham a desenvolver uma teorização tão inusitada sobre a psicanálise? Teria sido apenas um gesto de alerta em direção a uma obra que se pretende constituir como “*corpus juris* da coisa psicanalítica” – o *Vocabulaire*? A leitura atenta da obra de Landa (1999) nos aponta para um momento anterior, mais subjacente na história de Abraham:

A coesão da obra de Nicolas Abraham, que chamou a atenção de Geahchan e Derrida, refere-se a uma tomada de posição em relação a uma herança da qual todos os psicanalistas reclamam: a obra freudiana. “Uma gravidade irresistível nos atrai: salvar a análise do Homem dos Lobos, nos salvar” é uma frase solta quase ao acaso em um dos escritos de Nicolas Abraham e Maria Torok. Essa frase tem o poder de não mais deixar o leitor depois de tê-la lido. (p. 132)

Esta frase implica pelo menos três consequências importantes na obra de Abraham, segundo a óptica de Landa (1999). Primeira: a de que a psicanálise deve ser protegida do

próprio Freud, mas do Freud na fase final de sua carreira, desencantado com os pacientes (“eles são a ralé”, eles mentem) e fincado em uma posição doutrinária com relação à teoria que desenvolveu, resistente em resolver os problemas e impasses que sua própria teoria criou. Segunda: em decorrência da primeira, Abraham quer proteger ou preservar a psicanálise de toda atitude doutrinária (intransigência, regras, dogmas) que a impeça de desenvolver-se como teoria, de procurar novos caminhos e soluções para os impasses que ela mesma apresenta. Terceira: que ele, Abraham, na qualidade de psicanalista, adotará, com relação à obra freudiana, uma postura de estudioso, e não meramente de aprendiz ou de seguidor de Freud. (cf. pp. 132-6)

Landa pondera: “É nesse ponto que a pesquisa de Nicolas Abraham, distinguindo-se de todos os modismos existentes, refere-se aos conceitos fundamentais da psicanálise para interpretá-los e colocá-los ao abrigo da destruição antipsicanalítica dos analistas”. (p. 136). A partir dessas reflexões, permito-me, então, concluir que não foi apenas o *Vocabulaire* que propiciou a escritura do *L'Écorce*. De uma certa forma, o *L'Écorce* já vinha sendo escrito paulatinamente e o *Vocabulaire* o fez aflorar, por ser uma obra que se impõe mais como uma doutrina do texto freudiano do que como uma possibilidade de teorização, de uma abertura para estudo.

Entretanto, e apesar dessa imposição, Abraham encontra brechas na obra de Laplanche e Pontalis em que a doutrina abre-se para a teorização, quando, então, introduz a sua teoria inusitada, para a qual se torna necessária essa verdadeira “conversão mental”. Mas, afinal, de que trata *L'Écorce*? Vamos a ele:

Percebo alguns momentos críticos em *L'Écorce et le Noyau*. Há um primeiro que por si já se destaca, uma vez que é com ele que Abraham inicia seu texto: “Doravante a

psicanálise possui seu ‘Lalande’”. (p. 191¹⁰). Landa (1999) classifica esse início como uma “comemoração irônica” (p. 170). A referência é feita ao *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*, de André Lalande, o que confere ao empreendimento de Laplanche e Pontalis um tom jocosamente pomposo. Abraham mantém esse tom de ironia no decorrer da introdução do texto, dotando o *Vocabulaire* de qualificações calcadas na lei: “resposta autorizada à questão legítima de cada um”, “instrumentos de pensamento autorizados pela psicanálise”, “um corpus juris com força de lei”, “os estatutos da “coisa” psicanalítica”, etc (sublinhados meus).

Um outro momento seria o da definição da empreitada, tanto do *Vocabulaire*, quanto do *L'Écorce*. Abraham o define como primeiro e segundo tempo da exegese. Temos em Landa (1999): “O primeiro é realizado pelo *Vocabulaire*, segundo Nicolas Abraham: “constituir a lista de tudo o que, de diversas maneiras, é problema na elaboração freudiana”. E o segundo tenta responder à “verdadeira questão, que é a seguinte: se as teorias de Freud formam a casca protetora de sua intuição, dissimulando-a e revelando-a ao mesmo tempo, o que é o núcleo propriamente dito? Pois é ele que, invisível, mas atuante, confere seu sentido a toda a construção”. (p.174)

O próprio desenvolvimento do texto de Abraham parece dar conta desse segundo tempo da exegese, o que constituirá um terceiro momento do *L'Écorce*, que é o de, justamente a partir daquilo que constitui problema na elaboração freudiana, demonstrar fendas no arcabouço daquilo que se apresenta como doutrina e dar início à teorização em torno de um novo entendimento da significação, consubstanciado em uma anti-semântica e em uma figura trópica sem figura chamada anassemia. Volto a frisar que Landa confere

¹⁰ Estarei utilizando a tradução para o português do Brasil realizada por Maria José R. Faria Coracini, com o título *A Casca e o Núcleo*, publicada pela ed. Escuta, São Paulo, em 1995.

grande importância a esse movimento de ruptura com a atitude doutrinária, em favor da possibilidade de teorização, em Abraham.

A título de exemplo, eis alguns conceitos, aos quais podemos nos referir como as “fendas no arcabouço”, revisitados por Abraham sob a óptica da anassemia:

- As maiúsculas da tradução da obra freudiana para o francês fazem romper qualquer relação com as aspas fenomenológicas e, a propósito, a partir delas ganha força a “teoria escandalosa de significação” de Abraham. A mesma palavra pode atingir dimensões diferentes na mesma língua: prazer, “prazer” e Prazer sequer passam a ser homônimas, o que dá ensejo a um novo entendimento da tradução, a tradução anassêmica, dentro da própria língua.
- O Inconsciente também passa a ter uma nova dimensão através do seu invólucro cortical, a Casca. Se, no *Vocabulaire*, o Inconsciente, tido como núcleo, fica de uma certa forma escamoteado pela Casca - que pode ser materializada no próprio *Vocabulaire* - no texto de Abraham, Inconsciente e Consciente passam a formar a figura a-casca-e-o-núcleo, que carrega a própria anassemia. O movimento de significação se forma justamente na relação, na negociação que a-casca-e-o-núcleo, nos dizeres de Derrida, “jamais deixam de manter”. E precisamente neste espaço de negociação entre os dois pólos, na mediação das exigências da casca e do núcleo, é gerado o símbolo.
- Também no domínio da anassemia, passamos a ter a noção do Sexo com maiúscula que, a exemplo de prazer, “prazer” e Prazer, já não significa mais

o sexo como distinção de gênero, mas como algo preponderante na relação estabelecida entre a-casca-e-o-núcleo. Ele é, por natureza, e sempre, viril, na forma com que o Núcleo penetra a Casca pelo interior.

Outra estratégia importante no texto de Abraham é a forma com que o autor abre mão de qualquer tentativa de abordar a psicanálise de uma forma científica para analisá-la psicanaliticamente. “Salvar a análise não pode ser outra coisa que dispor da possibilidade de aplicar à psicanálise seu próprio método de decifração”, lembra Landa (1999, p. 162) e foi precisamente este gesto que abriu as portas para a anti-semântica da de-significação, propiciando a instalação da anassemia no discurso freudiano, via Abraham.

Sob a abordagem de Abraham, tal estratégia aproxima a psicanálise da desconstrução, já que em ambas é aplicado “seu próprio método de decifração”. E aproxima também a tradução da anassemia, já que em ambos os eventos há um espaço intermediário, o *entre*, no qual acontece o processo de formação de significados. Veremos de que forma Derrida aprofunda esta aproximação no próximo segmento.

1.4. *Moi – la psychanalyse* e uma teoria insólita de tradução

A produção textual de Derrida inspirada pela psicanálise é vasta e não surpreende que alguns autores apurem uma série de consequências a partir dessa produção. Sarah Kofman (1984) explora a relação do filósofo com o texto freudiano a partir da noção de *unheimlich* – que encena o estranhamento e a alteridade, mas também a familiaridade, comentando:

Tendo em conta este trabalho de transformação, Derrida insere Freud dentro de seu texto, fazendo-o cruzar aí com outros enxertos. Assim, o inconsciente freudiano é um velho nome para dizer a alteridade absoluta e radical aos moldes de Lévinas (cf. *Violence et métaphysique*). Alteridade radical ou *différance*. (p. 56, minha tradução)

Sem dúvida o texto freudiano primou por colocar em jogo toda uma segurança, uma noção essencialista de lógica, e Kofman soube detectar com muita propriedade o impacto da psicanálise na reflexão derridiana ao ponderar:

Porque a psicanálise, naquilo que ela *faz* mais do que naquilo que ela *diz*, mal se deixa conter pelo fechamento logocêntrico, na lógica da consciência e na representação do tempo que lhe é atribuída, Derrida é conduzido a prestar uma atenção particular a tudo o que, nos textos de Freud, diz respeito à escritura e que tinha sido mais ou menos negligenciado até então. (p. 62, itálicos da autora; minha tradução, com a colaboração de Élide Ferreira)

Maud Ellman (2000), refletindo sobre a relação de Jacques Derrida com seus textos voltados à psicanálise, classifica a relação em três grupos: “aqueles relacionados a Freud e à tradição metafísica, aqueles pertencentes às contendas com Lacan e aqueles que promovem o trabalho de Nicolas Abraham”. (p.214, tradução de Zelina Beato, ainda inédita). Ela adverte, entretanto, que essa divisão não é rígida.

Nessa relação de Derrida com a teoria psicanalítica, nesse jogo de aproximações e afastamentos, observamos que, efetivamente, os escritos de Derrida relacionados à reflexão

de Nicolas Abraham e Maria Torok, como *Moi – la psychanalyse* e *Fors*, demonstram seu encantamento com as proposições inusitadas dos psicanalistas húngaros. Contribui muito para esse entusiasmo o fato de Nicolas Abraham, ele próprio, também se ter dedicado à atividade da tradução, inclusive no campo literário, como pudemos observar no segmento anterior.

Não é difícil, portanto, situar o texto derridiano *Moi – la psychanalyse* no último grupo. Totalmente dedicado ao texto *L'Écorce et le Noyau*, é num mesmo gesto independente deste e suplementar. Independente, pois tem sobrevida própria. Suplementar, porque em muitos aspectos torna-se impreciso discernir quando termina o *L'Écorce* e começa o *Moi – la psychanalyse*.

Mas antes de analisarmos o texto mais detalhadamente e à guisa de aproximação, verifiquemos alguns dados que a ele se relacionam. Conforme descreve Élide Ferreira¹¹ em nota de tradutor, *Moi – la psychanalyse* foi escrito como introdução à tradução para o inglês do artigo *L'Écorce et le Noyau*, de Abraham. Apesar de ter sido escrito na língua francesa, o texto veio ao conhecimento do público primeiramente em inglês, na tradução de Richard Klein, com o título *Me – Psychoanalysis*, publicado em *Diacritics*, Johns Hopkins University Press, primavera de 1979. Somente em 1982 o texto foi publicado em francês em *Confrontation* (“Les fantômes de la psychanalyse”, *Cahiers*, 8, 1982). No próximo capítulo desta dissertação, informarei sobre outras traduções do texto.

A seguir, passo a comentar o texto derridiano.

¹¹ Tradutora para o português de *Moi – la psychanalyse*, a partir do texto integral em francês, com título *EU – a psicanálise*. Esta tradução, conforme comentei há pouco, foi publicada na edição nº 158 da Revista *Pulsional*. Há uma tradução deste texto realizada por Maria José Faria Coracini, com o título *Eu – a psicanálise*, publicada na Revista *Alfa*, volume 44 (n. esp), 2000, São Paulo: UNESP/FAPESP. Entretanto, a tradução de Coracini tem como referência uma versão abreviada do texto em francês, publicada na Revista *Meta*, nº 27, 1982.

Contrastando com o preâmbulo irônico de Abraham em *L'Écorce et le Noyau*, Derrida inicia o texto anunciando que, ao contrário do que seria esperado, não procurará ser isento ou neutro, com relação ao texto de Abraham, nem como introdutor, nem como tradutor, gesto que já diz muito sobre sua posição com relação à obra:

Ao apresentar alguém a outro ou a vários, e sob o olhar do hóspede e do anfitrião, dos que na sua língua recebem e daqueles que introduzem, a primeira regra de polidez é não se colocar à frente. Porém, coloca-se à frente, até que se torne indispensável, logo que se multiplicam as dificuldades de tradução (uma a cada passo, desde a minha primeira palavra) e que se embaraça o intérprete do intérprete, aquele que deve, em sua própria língua, introduzir por sua vez o introdutor. Parece ter de prolongar indefinidamente as manobras dilatorias, de desviar a atenção, de parar sobre si, de se prender insistindo: eis o que me cabe, a mim, o introdutor, e a meu estilo, à minha maneira de fazer, de dizer, de escrever, de interpretar, isso compensa o desvio, creiam-me, eu me permito dizer-lhes, é uma promessa, etc. (2002, p. 12)

Este gesto, ao mesmo tempo em que denota a sedução de Derrida pelo texto, transfere a sedução para o leitor. Em determinado momento de minha leitura, não pude escapar a uma primeira impressão de que o texto seria uma espécie de tautologia, uma paráfrase de *L'Écorce*, tal a forma com que Derrida o abraça, digere e comenta. Landa (1999) faz o seguinte comentário a respeito do entrelaçamento destes dois textos: “Pode ser que o texto de Derrida e o de Nicolas Abraham não tenham entre eles essa relação dada

pela relação entre dois textos dos quais um é a introdução do outro. Seria preciso, talvez, entrever uma relação na qual a assinatura dos dois textos se joga entre os dois autores”. (p. 177)

Após este primeiro gesto sedutor, o texto parece desenrolar-se em duas etapas, cuja divisão é marcada, em francês, pela frase: *Encore un mot pourtant*. (1987, p. 151). Não há uma divisão nítida quanto aos temas abordados. Ao contrário, ambas as partes estarão girando em torno de conceitos tais como a metapsicologia, o confronto da psicanálise com a fenomenologia, a psicanálise e a questão da tradução, a tradução dentro da própria língua. Entretanto, a segunda parte parece confiar na primeira como um alicerce sobre o qual toda uma construção, uma teorização sobre psicanálise e tradução será erigida, sob o impacto da figura a-semântica e anassêmica de a-casca-e-o-núcleo.

Visitemos algumas passagens importantes do texto:

Ao falar simultaneamente de tradução em todos os sentidos, além ou aquém do sentido, ao traduzir o velho conceito de tradução na língua da psicanálise, Nicolas Abraham lhes falará também de língua materna e de tudo que se diz da mãe, da criança, do falo, de toda “pseudologia” que submete o tal discurso sobre o Édipo, a castração, o desejo, a lei, etc... a uma “teoria da criança”. (2002, p.13).

Esta passagem nos fala do alcance da reflexão de Abraham, principalmente a partir da óptica de Derrida, para quem a anassemia abre as portas para uma nova forma de compreensão, tanto da psicanálise, quanto da tradução. Após o advento da anassemia, não será mais possível pensar nessas duas atividades sem lembrar a convergência de interesses

que ambas mantêm. Será inevitável pensar a psicanálise como outra língua, assim como será inevitável pensar a tradução como uma relação estabelecida pela figura a-casca-e-o-núcleo.

Em seguida, o texto de Abraham abrirá espaço para que Derrida possa estender-se em um confronto filosófico sempre em foco em sua produção: a problematização da fenomenologia, da presença a si e da metafísica:

Entre o “eu” e o “me” [Entre le “je” et le “me”], o capítulo assim intitulado situa um “hiato”, este que, separando “eu” [je] e “me” [me], escapa à reflexividade fenomenológica, à autoridade da presença a si e a tudo que ela comanda. Tal hiato da não-presença a si condiciona o sentido que a fenomenologia tornou seu tema, mas ele mesmo não é nem um sentido nem uma presença. (p. 13)

O questionamento da fenomenologia e da presença a si já de há muito integra a reflexão derridiana que observou, no texto de Abraham, um solo em que suas idéias germinaram e vicejaram. Tanto o hiato entre o “je” e o “me”, quanto o espaço sem tópica entre a casca e o núcleo parecem fazer reverberar toda a reflexão de Derrida sobre a metafísica da presença.

Mais adiante, Derrida volta-se especificamente para a questão da tradução e comenta um ponto crítico da reflexão de Abraham:

Se podemos dizer, e para dizê-lo, o discurso psicanalítico, usando ainda as mesmas palavras – aquelas da língua corrente e da fenomenologia colocadas entre aspas -, cita-as uma vez mais para dizer uma outra coisa,

e outra coisa que sentido. É esta segunda conversão que assinalam as maiúsculas com as quais os tradutores franceses, precisamente, dotaram as noções metapsicológicas; e é ainda um fenômeno de tradução que serve aqui de índice revelador a Abraham. Poderíamos reconhecer a singularidade do que aqui se chama de tradução: ela pode operar dentro da mesma língua, no sentido lingüístico de identidade. (p. 15)

Esta passagem é crucial na medida em que aborda a questão da tradução que se opera dentro da própria língua. Se, por um lado, Abraham nos fala da “tradução insólita” que se opera na passagem, por exemplo, do conceito de prazer, para “prazer” e depois para Prazer, por outro, Derrida aproveita o tema para nos falar de tradução, “tradução” e tradução anassêmica. Derrida aprofunda sua reflexão:

A tradução anassêmica não concerne às mudanças entre significações, entre significantes e significados, mas entre a ordem da significação e o que, tornando-a possível, deve ainda se traduzir na língua *do* que ela torna possível, [deve] ainda ser retomada, reinvestida, reinterpretada. É esta necessidade que marcam as maiúsculas da metapsicologia traduzidas em francês. (p. 16)

Temos, portanto, no final da primeira parte, já formado o cenário para que se possa aprofundar a questão da anasemia, da anti-semântica, do processo da de-significação que estarão latentes tanto na tradução dos conceitos psicanalíticos quanto na própria reflexão sobre a tradução. E assim voltamo-nos a passagens da segunda parte.

Um dos aspectos mais intrigantes do texto de Abraham é sua preocupação em submeter o próprio texto psicanalítico à análise. Derrida, por sua vez, levanta a possibilidade de a própria psicanálise colocar-se em análise:

O *Eu* da psicanálise talvez não seja uma introdução malfeita ao *Eu* de que fala a psicanálise: o que deve ser um *Eu*, se algo como a psicanálise puder dizer *EU*? (p. 17)

Eis aqui uma passagem intrigante em que Derrida confronta a metapsicologia com a própria possibilidade de a psicanálise analisar-se a si mesma. A conclusão a que chego neste ponto é a de que o autor pergunta à metapsicologia quem tem autoridade de denominar-se *EU* neste confronto e é claro que a manobra de Derrida aponta na direção de um discurso em que a própria psicanálise se expressa e engendra seus conceitos: o discurso anassêmico.

Mais adiante, atento ao papel de “casca” desempenhado pelo *Vocabulaire de la Psychanalyse*, em relação ao texto psicanalítico, que funciona como “núcleo”, Derrida tece as seguintes considerações:

Tomando o *Vocabulaire de la Psychanalyse* de J. Laplanche e de J. –B. Pontalis (Paris, PUF, 1967), aparentemente como pretexto, mas fazendo algo mais e diverso, Abraham colocou com efeito a questão do “direito” e da “autoridade” de um tal “*corpus juris*”, pretendendo ter “força de lei” quanto aos “estatutos da ‘coisa’ psicanalítica”. E Abraham acrescenta esta especificação essencial: “da ‘coisa’ psicanalítica, tanto em suas relações com o mundo exterior quanto em sua relação consigo própria”. (p. 17)

Esta passagem retoma a reflexão iniciada nos comentários sobre o *Vocabulaire*: a de que o texto de Abraham seria um pretexto para que ele expusesse idéias que já vinha ruminando e sugerindo em outros textos. Além disso, reforça a idéia da figura a-casca-e-o-núcleo envolvida nas “relações [da coisa psicanalítica] com o mundo exterior e consigo própria”. Na seqüência, Derrida analisará o impacto da figura a-casca-e-o-núcleo:

Em um certo ponto, em um certo momento, uma dessimetria se impõe entre os dois espaços dessa estrutura, entre a superfície da casca e a profundidade do núcleo que, no fundo, não pertencem mais ao mesmo elemento, e tornam-se incomensuráveis na relação mesma que eles não deixam de guardar. (p. 18)

Ao discorrer sobre o alcance e o poder da reflexão embutidos na figura casca-núcleo, Derrida toca numa questão importante que é a da “relação mesma que eles não deixam de guardar”. Ou seja, nessa relação estará sempre acontecendo uma negociação, uma troca que remete à questão da própria tradução. Podemos ampliar o alcance da idéia de negociação para uma noção de aderência. Ou, como quer Ottoni (2002), este evento anassêmico também pode ser considerado como de contaminação, “a contaminação constitutiva e necessária das línguas”. E é a questão que permeia a anasemia, esta “teoria insólita de tradução”.

Nesta citação, cabe também comentar a questão da dessimetria: tanto no âmbito da tradução quanto no da psicanálise, ela sempre está presente - no que está em jogo, em termos de lugar de poder, entre o texto original e o texto traduzido, entre o analista e o

paciente - o que solapa qualquer noção de transporte de significado sem perdas entre um pólo e outro.

Destaco, por fim, uma última passagem em que Derrida aponta o impacto futuro do texto de Abraham, principalmente em termos de leitura e tradução:

Então, poder-se-ia dizer, essa interpretação anassêmica comporta a si mesma. Ela se traduz e demanda ser lida segundo os protocolos que ela constitui ou que ela mesma performa. Isso que é dito aqui, em 1968, de anasemia, do símbolo, da duplicidade do traço, prescreve, retrospectivamente e por antecipação, um certo tipo de leitura da casca e do núcleo de *A Casca e o Núcleo*. Todos os textos posteriores a 1968 encontram-se aqui, de qualquer modo, envolvidos, entre a casca e o núcleo. É essa leitura de fôlego com a qual vou aqui me comprometer. Naturalmente, não se trata apenas de ler, mas de, no sentido mais trabalhoso do termo, traduzir.(p. 21)

Com relação aos textos posteriores a 1968 e, tanto no âmbito da psicanálise quanto no da tradução, a temática da anasemia não mereceu, com o passar dos anos, a devida atenção por parte da comunidade praticante. Entretanto, temos sinais de que agora, com a contribuição de Landa (1999), na retomada das reflexões de Ferenczi e Abraham, o assunto vem ganhando novo fôlego na teorização psicanalítica.

Quanto à tradução, até o presente momento, temos poucos indícios de que Derrida tenha voltado a abordar nominalmente da anasemia após o *Moi – la psychanalyse*. Na leitura dos textos do autor que efetuei até agora, apenas em *Fors*, lançado em 1976 como

prefácio do texto de Abraham e Torok intitulado *Cryptonymie: Le verbier de l'Homme aux Loups*, e publicado em português em Landa (1999) [v. nota 9 à p. 22 desta dissertação], Derrida volta a mencionar nominalmente a anasemia, abordando, além da questão da cripta - que é o tema do prefácio -, a tradução como “(circulação *entre* [itálico meu] as escrituras, as marcas corporais, verbais ou não, que formam um *corpus* aproximadamente (como sempre) idiomático e [que] reclamam a produção de uma *outra* escritura de tradução)” (p.286), citação de forte referência anassêmica.

Apesar da falta de novas menções nominais à anasemia, por Derrida, os fundamentos dessa noção subsistem em seus escritos posteriores, seja no questionamento da metafísica da presença, seja na abordagem do *double bind* e do espaço *entre* (*in-between*). Acredito que podemos pensar, também, na sobrevivência da anasemia no questionamento do Eu da psicanálise colocado por Derrida em *Estados da alma da psicanálise – o impossível para além da soberana crueldade* (2001a), ou no trato do pensador com seus tradutores, ao conceber termos que já propõem questões de tradução dentro do próprio francês - como a *différance* - e oferecê-los à tradução. Siscar (2000) captou com muita propriedade este relacionamento: “Em alguns dos seus textos, Derrida chega a incorporar a figura do tradutor, fazendo dela uma espécie de *interlocutor-revelador* dos meandros problemáticos da linguagem em processo de constituição”. (p. 65, itálico meu)

Derrida encerra o *Moi – la psychanalyse* com um duplo gesto: ao mesmo tempo em que convida o leitor para a aventura da tradução - “Eu não poderia fazer nada além de acrescentar uma [tradução] e dizer a vocês em suma: a sua vez de traduzir. É preciso ler de tudo, tudo traduzir, é só começar”. (p. 21) -, conclui-o com um recurso típico seu: com

reticências, como um sinal de que não está efetivamente encerrando o texto, mas abrindo-o para novas escrituras.

Se, por um lado, assinalei as passagens acima como importantes para dimensionar o texto de Derrida à luz da reflexão de Abraham, são passagens, apenas, que talvez não dêem conta dos dois textos. De uma certa forma, ao mergulhar neles, tenho a sensação de que toco apenas a sua casca, o seu invólucro, podendo apenas sentir o pulsar do núcleo que meramente se insinua.

Observo em Landa (1999) um atendimento à sedução de Abraham e de Derrida. Seu texto ao mesmo tempo lança novos olhares sobre os dois outros e os complementa. Por este motivo, encerro este segmento com seus comentários sobre a relação entre *L'Écorce e Moi – la psychanalyse*:

Quem é o psicanalista de quem? Sabe-se que o texto de Derrida não é um comentário e não corresponde a uma introdução. Ele é outra coisa. Ele decifra; encontra-se nele o que há no texto de Nicolas Abraham, mas o que há no texto de Abraham é reconhecido apenas passando-se pelo texto de Derrida. De qualquer maneira, pode-se reconhecer o trabalho do método psicanalítico (transfenomenal, ao mesmo tempo trans-objetivo e trans-subjetivo). (p.177)

1.5. O “entre”, o *inter*, o *in between* como espaço anassêmico

Assim, se a língua do outro é sempre, inevitavelmente, de uma forma ou de outra, traduzida, é sua estranheza que solicita a tradução, a leitura, a produção de significados e de saberes.

Marcos Siscar (2000)

Neste segmento estarei desenvolvendo o aspecto do relacionamento entre as reflexões de Abraham e de Derrida que me pareceu mais prolífico em termos de consequências apuráveis. Este aspecto faz entrelaçar o conceito do “entre”, do *inter*, do *in between*, em Derrida, com o da anasemia, em Abraham. Procurarei demonstrar este entrelaçamento de duas formas: por meio da reflexão sobre a “sedução do *entre*”, de Pilar Godayol, e através das conclusões a que cheguei após a análise dos textos de Abraham e de Derrida, objetos desta dissertação.

O encadeamento de reflexões que pretendo aqui apresentar foi deflagrado pela leitura de uma passagem de um artigo de Érica Lima e Marcos Siscar (2000):

O interlingual poderia ser redefinido como o traço, como interferência recíproca entre as línguas, sem que tenham uma origem ou uma delimitação absolutas, o *inter* como possibilidade de deslocamento. (p. 109)

Na sequência desta passagem, os autores citam Derrida:

A tradução não procuraria dizer isso ou aquilo, a transportar tal ou tal conteúdo, a comunicar tal carga de sentido, mas a *perceber e destacar*

[*re-marquer* (itálico dos autores)] a afinidade entre as línguas, a exibir sua própria possibilidade¹². (Ibidem)

As passagens acima destacadas me remeteram, em um primeiro momento, a uma palestra proferida pela Profa. Dra. Pilar Godayol¹³, intitulada *Traducir Derrida: la seducción del entre*. Os conceitos abordados nessa palestra parecem dar continuidade a essa temática recorrente em Derrida: o deslocamento, no processo de tradução, da ênfase logocêntrica dedicada aos pólos da língua de partida e da língua de chegada, para o foco no que acontece *entre* esses dois pólos, ao que se denomina *inter*, *in between*, lugar de intercâmbio marcado nem sempre pelo entendimento e pelo acordo, mas certamente pelo conflito, por interrupções e dessimetrias.

Para melhor ilustrar este cenário, reproduzo abaixo uma passagem da palestra que bem exemplifica esse momento derridiano:

A desconstrução derridiana questiona a possibilidade de chegar-se a uma total compreensão com o Outro textual e adverte sobre o perigo de se usarem termos como consenso, diálogo e boa fé [...]. Para Derrida, a relação com o outro é uma “relação louca, uma relação sem relação, que entende o outro como outro em uma certa relação de incompreensão” [...]. Não se trata de colocar-se em seu lugar, nem de entendê-lo completamente. O Outro é outro e, como assegura Derrida, “... em dado momento é necessário que o outro permaneça como outro”. Isto implica que toda relação tradutológica com o Outro textual contenha interrupções,

¹² *Psyché: inventions de l'autre*. Paris: Galilée, 1987. Não consta menção à autoria da tradução.

¹³ A palestra ocorreu em 22.05.2000 na UNICAMP. Godayol é professora da Universidade de Vic, Espanha.

termo derridiano que, como sugere David Wood, “... é cuidadosamente sintonizado com seu propósito, para capturar uma quebra, uma ruptura, no *inter*, o *entre* [*between*] pelo qual nos relacionamos com o outro”¹⁴. [...] A sedução do *entre* é essencial na (in)comunicação com o Outro textual derridiano”. (minha tradução)

Essa noção de deslocamento, no espaço textual e na tradução, para o relacionamento com o Outro, para a sedução do *entre*, levou-me a localizar uma semelhança entre esse cenário e o da anasemia.

A anasemia concentra o Inconsciente numa posição de Núcleo em relação a uma Consciência concebida como Invólucro ou Casca, e a formação dos símbolos acontece nas negociações estabelecidas entre as exigências desses dois pólos (Abraham, 1995, p. 206). Landa¹⁵ ilustra essas negociações como estabelecidas entre um Eu (em posição de Invólucro, de Casca) e um Outro (em posição de Núcleo, de Inconsciente). A relação entre esse Eu e o Outro – o estrangeiro que habita em mim, segundo ele – será sempre dialógica, sem que nenhuma das partes deixe de ser estrangeira para a outra.

Derrida (1979) ilustra da seguinte forma a relação descrita por Landa dentro da figura anassêmica:

Em determinado ponto, em determinado momento, intervém uma dessimetria entre os dois espaços dessa estrutura, entre a superfície da casca e a profundidade do núcleo que, no fundo, não pertence mais ao mesmo elemento, ao mesmo espaço, e torna-se incomensurável dentro da

¹⁴ *Philosophy at the limit*. Londres: Unwin Hyman, 1990, p.127.

¹⁵ Em palestra proferida na Unicamp em 24.11.1999.

mesma relação que *jamaís deixam de manter*. (p. 10, tradução e itálicos meus)

É importante explicar, nesta passagem já citada no segmento anterior, o motivo que me levou a utilizar os itálicos: para Derrida, a questão do inter-relacionamento dos pólos em Abraham é tão importante que o levou a “rebatizar” a figura da casca e do núcleo como a-casca-e-o-núcleo, enfatizando justamente o espaço em que ocorre a relação entre os pólos, que é justamente o do *inter*, do *entre*, do *in between*, como enfatizam também os trabalhos citados de Lima e Siscar e de Godayol.

Nessa figura rebatizada por Derrida, fica também encenada a relação que *jamaís deixam de manter*. O próprio uso do hífen é uma estratégia anassêmica, pois, a exemplo do uso das maiúsculas na tradução dos conceitos psicanalíticos para o francês, temos “a casca e o núcleo” e “a-casca-e-o-núcleo”. Entendo que não podemos mais chamá-los de homônimos, pois o hífen colocou o segundo termo em outra dimensão de significação, produzindo um novo significado.

Essa mesma relação compreendida no “entre” de Derrida e na anassemia de Abraham é encenada em outras passagens de *L'Écorce et le Noyau*. Abraham nos fala do relacionamento do somático e do psíquico, conferindo a esse espaço do “entre” o caráter de símbolo:

Compreende-se que, nessas condições, somático não pode mais significar “somático”, mas outra coisa, e, por conseguinte, *psíquico* se encontra designificado por sua vez, apenas o *representante*, mediador entre os dois pólos x, parece conservar uma significação, enquanto termo conhecido de

comparação com uma relação de mediação conhecida. (Abraham apud Landa, 1999, p. 182 – ênfase de Landa)

A principal consequência que pude retirar do paralelo que tracei entre o conceito derridiano assimilado por Godayol como a sedução do *entre* e a figura da anasemia engendrada por Abraham é que fica mais uma vez encenada a convergência de reflexões da tradução e da psicanálise. Da mesma forma que a relação entre os discursos do analista e o do paciente estão sujeitos a ser ao mesmo tempo dessimétricos (cf. Landa, 1999, pp. 145-6), sem que deixem de manter a relação, também na tradução vemos algo parecido na noção do *double bind*, na medida em que, *entre* o texto de partida e o texto de chegada, também se estabelece uma relação dessimétrica, se não impossível, mas, ainda assim, necessária.

Outra consequência importante é pensar a tradução como produção de significados, através das negociações e contaminações entre os dois pólos: o do texto a ser traduzido e o texto traduzido, entre as línguas e culturas envolvidas, com suas linguagens e seus aspectos idiomáticos, com suas diferenças. E a produção ocorre justamente no que permanece de Outro, de Estrangeiro no relacionamento entre os pólos.

Encerro este segmento refletindo que é possível incluir tanto Abraham quanto Derrida, tendo em mente suas histórias de vida, em um contexto anassêmico. Por um lado, temos Abraham, húngaro, radicado na França, o que o coloca já numa situação *entre* línguas e *entre* culturas. Quanto à sua ocupação, também circulou *entre* duas atividades, em seu caso a tradução e a psicanálise, fazendo-as *entrelaçar-se* com frequência. Quanto a Derrida, ele próprio explora até as últimas consequências sua situação de judeu franco-magrebino, problematizando sua identidade, seu inatingível desejo de pertencer a uma

língua e de possuir uma língua, estando sempre entre e no meio de muitas culturas e línguas. Em *O Monolingüismo do Outro – Ou a prótese de origem*, ele nos fala sobre estar nessa situação *entre*, sem jamais pertencer a pólo algum, mediante a seguinte formulação: “1- Não falamos nunca senão uma língua. 2. Não falamos nunca uma única língua.” (2001b, p. 19), cujas proposições considera “Não apenas contraditórias *em si mesmas*, desta vez, mas contraditórias *entre si*”. (Ibidem, *itálicos do autor*) Há, portanto, um aspecto notadamente anassêmico nessa formulação, na medida em que problematiza uma tensão que ocorre dentro de cada proposição e ao mesmo tempo *entre* as proposições. E esta tensão causa um impacto, uma energia que perturba, mas que também gera significação. Produz escrituras, como veremos adiante.

No encerramento deste capítulo, meu objetivo é ter definido o tema e a trama, o cenário e os personagens deste trabalho. O próximo capítulo, portanto, tem por meta colocar estes elementos em ação, encenando o que está em jogo no intervalo anassêmico - no espaço atópico entre línguas, culturas e sujeitos - em termos de produção de significância.

Capítulo segundo

2.1. A tradução como acontecimento anassêmico

Só se pede por tradução o que se atribui inicialmente como intraduzível. E não somente no que os lingüistas chamam de outras línguas, mas no interior de uma mesma língua. Dito de outro modo, meu desejo é o de que não se possa, isto é também, e por isso mesmo que se deve, traduzir-me mesmo em francês.

Jacques Derrida (1998)

Como já enunciará, a seguir estarei destacando algumas passagens do texto *Moi – la psychanalyse*, de Jacques Derrida, e, após um breve comentário sobre o motivo que me levou a destacar cada uma, analisarei suas respectivas traduções para o inglês, o espanhol e o português, sendo o inglês e o espanhol línguas com as quais estou mais familiarizada, tanto em termos de formação, quanto em termos de experiência profissional de tradução.

Estarei utilizando as seguintes traduções: para o inglês, o texto *Me – Psychoanalysis*, tradutor Richard Klein (Derrida, 1979); e para o espanhol: *Yo – el psicoanálisis*, tradutora Cristina de Peretti (Derrida, 1997). No caso do português, há duas traduções realizadas no Brasil. A primeira foi realizada por Maria José R. Faria Coracini (Derrida, 2000), baseada em uma forma abreviada do texto em francês, conforme publicado no vol. 27 da Revista *Meta* (Derrida, 1982). A segunda tradução a que estarei me referindo é a realizada por Élide Paulina Ferreira (Derrida, 2002), conforme publicada na edição nº 158 da Revista *Pulsional*, versão integral. Quando julgar haver outras possibilidades, estarei também inserindo minhas sugestões de tradução para cada passagem.

Pretendo, por intermédio da apresentação e análise das traduções de cada passagem do texto de Derrida, demonstrar a tradução como uma forma de exercício anassêmico, levando-se em conta tanto o espaço *entre*, *inter* ou *in between* que se instala no contato de uma língua com outra, quanto o problema de tradução que a passagem enseja dentro da

língua em que foi gerada, no caso, o francês de Jacques Derrida¹⁶. Não é gratuita essa formulação, principalmente se pensarmos que o autor tem, como uma de suas metas mais recorrentes, escrever para os tradutores. “É com os tradutores de todos os países que me entendo melhor, que trabalho melhor”, ele comenta (1999a). Além de escrever para os tradutores, escreve para ser traduzido: “como fazer com que o mais traduzível se traduza ao máximo e ultrapasse em muito as fronteiras?”, ele prossegue no mesmo texto, como uma forma de incitamento.

Ao final da análise farei alguns comentários a respeito das consequências que podem ser apuradas a partir destes movimentos de tradução: dentro da língua de partida, entre as línguas de partida e de chegada e dentro da língua chegada, inclusive.

2.2. *Moi – la psychanalyse* e suas traduções: um exercício anassêmico

Quando me prontifiquei a escolher e analisar as passagens abaixo do texto *Moi – la psychanalyse* e suas respectivas traduções, nem cheguei a questionar que motivos me teriam levado a privilegiar este texto como exercício anassêmico; afinal, também o *L'Écorce et le Noyau* foi traduzido para o inglês e o português e o terá sido também para outras línguas.

Porém, enquanto esta dissertação ganhava corpo, a pergunta começou a se colocar, primeiro quase inaudível, e hoje já soa suficientemente clara, a ponto de não poder mais ignorá-la. Eis, então, minha resposta: este exercício é uma forma de retribuição a Jacques

¹⁶ Com relação à abordagem do evento anassêmico da tradução, dentro da própria língua e entre línguas, cumpre aqui fazer um confronto com a noção da tradução intralingual e interlingual de Jakobson. Conforme a teoria deste lingüista, tanto a intralingual quanto a interlingual funcionam dentro de um contexto que prevê a noção de transporte sem perdas, de uma essência e de uma origem recuperáveis. Por sua vez, o evento anassêmico problematiza a questão da origem, da essência e da recuperação de sentidos tanto dentro da língua, quanto entre línguas. Portanto, não há como tomar as duas abordagens como convergentes.

Derrida, pelos muitos textos dedicados à tradução, ao traduzir e aos/às tradutores/as. Se, conforme confessou há poucas páginas, Derrida escreve para seus tradutores e para ser traduzido, este exercício encena um evento que lhe é muito caro. Siscar (2000) aponta para uma consequência importante da escritura derridiana:

Se ao leitor dos textos de Derrida cabe assumir a responsabilidade de sua leitura, não lhe é menos necessária a consideração da singularidade irredutível do texto que traduz, isto é, a consideração de seu caráter intraduzível. Desse caráter intraduzível depende, na verdade, a própria noção de responsabilidade. [...] A *responsabilidade* teria também algo de resposta, de atenção, ao chamado de um outro. Ela pode ser entendida como momento ético da tradução, como momento *crítico* no sentido de crise da escolha, assunto de fato pouco sublinhado e que tem consequências reais na prática da tradução. (pp. 68-9, itálicos do autor)

Siscar toca num ponto muito importante que é o da atenção que Derrida dedica às questões da leitura atenta e da tradução, o que pode ser verificado na seguinte passagem:

Insisto sobre este ponto pois a meus olhos os tradutores são os melhores leitores. E mesmo os únicos leitores se se assegura, como sou tentado a fazer, que o leitor vigilante é atento, sempre, ao que, num texto, trabalha o corpo idiomático da língua, aí se expõe e dissimula neste lugar onde a tradução parece ao mesmo tempo recusada e por isso mesmo demandada. Quem quer que leia um texto, lê-o bem, prestando toda a atenção requerida ao idioma, ao trabalho de escritura, a singularidade da

composição, etc., está em posição de tradutor, já provando, para se colocar em prova, a resistência de uma escritura pensante, poética e idiomática. (Derrida, 1998, p.11)

Uma vez justificada a escolha do autor, passo a analisar as passagens de seu texto:

2.2.1. Exercício 1

Em francês (Jacques Derrida):

MOI – LA PSYCHANALYSE(*)
INTRODUCTION À LA TRADUCTION
L'ÉCORCE ET LE NOYAU
de NICHOLAS ABRAHAM
(versão reduzida de 1982)

ou

Moi – la psychanalyse(1)
(versão de 1987)

Em inglês (Richard Klein):

ME – PSYCHOANALYSIS:
An Introduction to the
Translation of “The Shell and
the Kernel” by Nicholas Abraham

Em espanhol (Cristina de Peretti):

Yo – el psicoanálisis(*)

Em português (Élida Ferreira):

EU – a psicanálise(1)

Em português (Maria José F. Coracini):

EU – A PSICANÁLISE
INTRODUÇÃO À TRADUÇÃO
A CASCA E O NÚCLEO (DE NICOLAS ABRAHAM)

Dentro do segmento “Le Rebut” [O Refugo] do artigo *Graphématique et psychanalyse*, Kofman (1984) discorre sobre um aspecto importante da produção textual de Derrida: aquilo que costuma ser tradicionalmente considerado como “fora da obra” e que passa a ter uma nova leitura na dimensão desconstrutivista, por um processo de incorporação (aqui não estou me referindo ao termo psicanalítico). “Tudo aquilo que era considerado pela tradição filosófica como fora do texto [*hors d’oeuvre*], à margem do texto, submetido mais particularmente à “escuta” derridiana, encontra-se reinscrito dentro do texto”. (p. 97, minha tradução)

O “fora do texto” a que a autora se refere inclui títulos, prefácios, notas de referência, apêndices, pós-escritos, “considerados até agora como excrementos” (p.98). Na leitura derridiana, no entanto, cada aspecto de um texto é relevante. A importância conferida ao corpo do texto, Derrida dedica-a também aos seus aspectos periféricos, apagando as noções do “dentro” e do “fora”. Especificamente com relação ao título, Derrida lhe dedica grande atenção, lançando, muitas vezes, já no início de um texto, um desafio tradutório (cf. *Des Tours de Babel*, 1987b).

Para este exercício, apresento dois títulos em francês. O primeiro corresponde à forma com que o texto, em sua forma reduzida, foi publicado em 1982 e o segundo, ao texto integral publicado em 1987. O primeiro recebeu uma nota de rodapé assinalada por asterisco ¹⁷ e o segundo, também outra nota, assinalada pelo número 1¹⁸. No título *Moi – la psychanalyse*, Derrida nos propõe dois desafios. Primeiro: a questão do *Moi*, este “eu” sujeito-objeto que a língua francesa funde. Segundo: a inclusão da nota de rodapé que, conforme observei acima, desempenha um papel igualmente importante no texto derridiano.

Em inglês:

ME – PSYCHOANALYSIS:
An Introduction to the
Translation of “The Shell and
the Kernel” by Nicholas Abraham

é possível observar que Klein pôde valer-se de um recurso que também a língua inglesa oferece, o “*me*”, que joga com a noção de sujeito-objeto. Certamente o tradutor utilizou a apresentação do título conforme a versão de 1982, grafando a primeira linha em maiúsculas e incluindo o subtítulo. Acrescentou, entretanto, os dois pontos na primeira linha, conferindo ao título um tom de explicação ou de causalidade, tendo excluído a nota de rodapé anunciada nas duas versões. O tradutor preferiu incluir outras notas de rodapé, igualmente informativas, no início do texto.

¹⁷ “Ce texte paraîtra en entier dans le prochain numéro de *Confrontation* (automne 1982). Nous remercions vivement son directeur, René Major, de nous avoir autorisé à publier cet extrait”.

¹⁸ “Cette essai fut publié pour la première fois en langue anglaise comme introduction à la traduction en anglais d’un article de Nicolas Abraham, « L’Écorce et le Noyau », in *Diacritics*, Johns Hopkins University Press, printemps 1979. Le texte français fut ensuite publié dans *Confrontation* (« Les fantômes de la psychanalyse », *Cahiers*, 8, 1982) ”.

Em espanhol:

Yo – el psicoanálisis(*)

de Peretti precisou, por falta de um recurso aglutinador de sujeito-objeto do espanhol, decidir-se por utilizar o “Yo”, na forma de sujeito. Quanto à nota de rodapé¹⁹, anunciou-a com asterisco, conforme a versão de 1982 (talvez como forma de conferir destaque especial ao título, pois as demais notas aparecem numeradas), mas desenvolveu-a conforme a versão de 1987.

Em português:

EU – a psicanálise(1)

Ferreira, assim como no caso da tradução para o espanhol de de Peretti, precisou utilizar o “eu” na forma de sujeito – pronome do caso reto. Mas utilizou o recurso gráfico de grafá-lo com maiúsculas. Já vimos que o uso de maiúsculas pode ser considerado como um recurso anassêmico, uma vez que transporta o “eu” para a dimensão do “EU” das maiúsculas em francês. Quanto à nota de rodapé²⁰, foi utilizada de forma similar à da versão de 1987, com adaptação para a publicação em português.

¹⁹ “Este ensayo fue publicado por primera vez en lengua inglesa como introducción a la traducción inglesa de un artículo de Nicolás Abraham, “L’Écorce et le Noyau”, en *Diacritics*, Johns Hopkins University Press, primavera de 1979. El texto francés fue publicado más tarde en *Confrontation* (“Les fantômes de la psychanalyse”, *Cahiers*, 8 [1982]). Publicado, por último, en *Psyché, Invention de l’autre*, Paris, Galilée, 1987.”

²⁰ “N. da T.: Este título propõe traduzir *Moi – la psychanalyse*, publicado pela primeira vez em língua inglesa, com o título *Me – Psychoanalysis*, como introdução à tradução para o inglês de um artigo de Nicolas Abraham, “L’Écorce et le Noyau” [*The shell and the kernel*]. In *Diacritics*, Johns Hopkins University Press, primavera de 1979 – versão completa. O texto francês foi em seguida publicado em *Confrontation* (“Les fantômes de la psychanalyse”, *Cahiers*, 8, 1982) e mais tarde em *Psyché – Invention de l’autre* (Galilée, 1987-1998, p. 145-58). Para o português, temos a tradução proposta por Maria José Coracini do texto “Moi – la psychanalyse” (Alfa, 44, n. esp. 2000, com título “Eu – a psicanálise”, p. 189-95); tradução feita a partir de

Também em português:

EU – A PSICANÁLISE
INTRODUÇÃO À TRADUÇÃO
A CASCA E O NÚCLEO (DE NICOLAS ABRAHAM)

Coracini, em primeiro lugar, não pôde valer-se do recurso que o francês oferece ao aglutinar sujeito-objeto e utilizou a forma disponível no português que concentra o “eu” como sujeito. Conforme a própria Coracini, o fato de o título todo ter aparecido em maiúsculas não foi escolha sua. Relativamente à nota de rodapé, foi suprimida pela tradutora que, entretanto, não se privou de utilizar outras notas de sua autoria ao longo do texto. Coracini, conforme já informei anteriormente, traduziu a versão reduzida de 1982 (Derrida, 2000).

Cabe aqui registrar que em Landa (1999) encontramos uma sugestão de tradução para o título: “Ego – a psicanálise” (p. 55). Encontramos no *Vocabulário da Psicanálise* duas possibilidades de tradução para *moi*: “ego” ou “eu”, e a sugestão de Landa trabalha com uma noção nitidamente psicanalítica do termo.

Neste primeiro momento, não apresentarei minha sugestão de tradução. Entretanto, manifesto minha simpatia pela escolha “anassêmica” de Ferreira.

Este primeiro exercício apresenta, por um lado, uma questão que remete o tradutor à cena da decisão sobre o indecível, como no caso do *moi* que perde sua característica de sujeito-objeto no espanhol e no português. Entretanto, mesmo sendo um termo intraduzível em suas implicações, decisões foram tomadas e a tradução aconteceu, apresentando geração de significados, como no caso do EU anassêmico de Ferreira. Relativamente à questão da

uma versão francesa reduzida (cf. Meta, 27-1, 1982). E agora proponho esta nova tradução para o português a partir da versão completa publicada em “*Psyché – Inventions de l’autre*”.

nota de rodapé, os tradutores foram colocados em uma situação intermediária (*entre e no meio*), em que tiveram que trabalhar com a noção do “fora” e do “dentro” no texto derridiano.

2.2.2. Exercício 2

Em francês (Jacques Derrida):

“J’introduis ici – moi -, à une traduction.”

Em inglês (Richard Klein):

“I am introducing – here – me (into) a translation.”

Em espanhol (Cristina de Peretti):

“Introduzco aquí – yo – a una traducción.”

Em português (Élida Ferreira):

“Aqui, introduzo – EU – uma tradução.”

Em português (Maria José F. Coracini):

“Introduzo – eu(me) – aqui a uma tradução...”

Nessa primeira frase, encena-se a problemática levantada no capítulo “Entre o ‘Eu’ e o ‘Me’”, de “A Casca e o Núcleo”. À “distância” que separa o “eu” do “me”, Abraham chama de hiato, de uma não presença a si que remete ao impensado da fenomenologia, que é justamente o campo da psicanálise – momento importante do texto de Abraham, daí Derrida, supostamente, tê-lo escolhido para iniciar o *Moi – la Psychanalyse*.

Na frase **em francês**:

J'introduis ici – moi -, à une traduction

Derrida não utiliza a relação *je/me* conforme a obra de Abraham, em francês, mas *je/moi*, escolha que considero também ilustrativa, pois ao *je* relaciona-se um *moi*, estabelecendo uma relação ambígua de sujeito e objeto, como no primeiro exercício. O verbo utilizado (*introduire*) encontra-se no presente. Além disso, *à une traduction* remete a Derrida: “Alguém apresenta alguém a alguém” (1979, p. 4). Fica então instalada uma ambivalência na frase: Introduzo uma tradução / Sou introduzido (por mim) a uma tradução. Chamo a atenção para o fato de que o verbo *introduire*, neste contexto, encontra-se fortemente contaminado pelo verbo *introduce*, no inglês, que significa, além de introduzir, apresentar.

Klein, ao traduzir:

I am introducing – here – me (into) a translation

pôde valer-se em inglês da relação sujeito/objeto na articulação *I/me*. O verbo, preferiu utilizá-lo no gerúndio, e não no presente, como no francês. Ainda com relação ao verbo *introduce*, como já ressaltai acima, podemos observar sua economia ao sintetizar “introduzir” e “apresentar”. Quanto a *à une traduction*, a estratégia que escolheu foi colocar

into entre parênteses, antes de *a translation*, sinal de pontuação que interrompe, encerra, desvia um sentido. Portanto, entendo que, com esses recursos, Klein procurou manter a ambivalência atividade-reflexividade.

De Peretti, em:

Introduzco aquí – yo – a una traducción.

utilizou no espanhol, em linguagem direta, o pronome do caso reto *yo* e não apresentou, nem no verbo, nem no objeto, algum indício da ambivalência atividade-reflexividade. Quanto ao verbo, também *introducir*, como no inglês, aglutina “introduzir” e “apresentar”.

Ferreira, em:

Aqui, introduzo – EU – uma tradução.

também reforça a noção de sujeito ativo, que tanto aparece oculto (*introduzo*), quanto destacado entre travessões. O recurso de usar o sujeito EU entre travessões remete ao texto em francês. Chamo a atenção para o “EU” grafado em maiúsculas. Considero esta estratégia como uma forma de transportar, para o português, alguma noção de estranhamento, pois se o *moi* em francês faz jogo com o *je*, também o “eu” joga com o “EU”. Vale aqui a mesma observação que fiz no primeiro exercício: o recurso da utilização das maiúsculas, em que “EU” ganha um matiz de significação diferente de “eu”, tem uma forte referência anassêmica. Com relação ao verbo “introduzir”: em português, soa mais familiar a tradução “apresentar”, mas a tradutora manteve “introduzir”. Portanto, podemos observar aqui um ponto em que o inglês *introduce* contamina o português através do francês: é Derrida quem inicia o jogo da contaminação em seu texto, o que dissemina a

contaminação para outras línguas. Porém, também podemos considerar o verbo “introduzir” especificamente como o ato de fazer uma introdução, além de apresentar.

Para a solução apresentada por Coracini:

Introduzo – eu(me) – aqui a uma tradução...

reproduzo a Nota de Tradutor inserida em sua tradução do texto, que justifica suas escolhas:

Em francês: [...] joga com, ao menos, dois sentidos do pronome “moi” – mero reforço de “je” (eu) e pronome reflexivo (a mim) – e do verbo “introduire”- apresentar e introduzir. Assim, ao mesmo tempo que o autor introduz ou apresenta uma tradução, ele se introduz sub-repticiamente na tradução e se apresenta a uma tradução”. (Derrida 2000, p. 190)

Nesse ponto, apresento-introduzo minha tradução, valendo-me das negociações que até este momento consegui estabelecer com a frase:

Apresento(-me) aqui (a) uma tradução.

Minha escolha foi manter a ambivalência na forma de uma frase que funciona, pela introdução dos parênteses, como duas frases paralelas, colocando o sujeito também como objeto. E apesar de o verbo *introduire* aceitar as traduções “introduzir” e “apresentar”, preferi usar a segunda forma que soa mais familiar em português, mesmo reconhecendo que “introduzir” carrega, no português, um certo grau de estranhamento, podendo soar como

uma tradução mais literal, mais contaminada pelo inglês *introduce*, através do texto em francês.

Esta primeira frase, apesar de muito curta, tem a capacidade de gerar várias questões, tanto na sua concepção em francês, quanto no seu confronto com outras línguas. Chamo a atenção especificamente para o verbo *introduire*, que já se apresenta contaminado pelo inglês *introduce*. Temos, então, uma primeira tensão entre o francês e o inglês. Em espanhol, aparentemente, a tensão fica diluída, já que também nessa língua temos a noção de “introduzir” e “apresentar”. E no português, deparamo-nos com algumas necessidades de escolha: embora “introduzir” não tenha por sinônimo dicionarizado “apresentar”, através do inglês podemos conceber também este significado para o verbo, o que também nos coloca numa situação de contaminação, em que podemos adotar tanto “introduzir” quanto “apresentar”. Por outro lado, também podemos conceber o verbo “introduzir” como fazer uma introdução. Portanto, cabe ao tradutor a responsabilidade de decidir-se sobre o indecível, de suportar conforme sua escolha o *double bind*.

2.2.3. Exercício 3

Eis um parágrafo com vários desafios, não apenas por ser mais longo. A passagem em francês:

En français, à la différence du *Ich* allemand et du *I* anglais, “moi” va comme un gant au sujet qui dit je (“moi, je dis, traduis, introduis, conduis... etc.”) et à celui qui se prend, se laisse ou fait prendre pour objet (“prends-moi, conduis-moi, introduis-moi... etc.”). Un gant à travers

lequel, même, je *me* touche, ou les doigts, *comme* si j'étais à *moi-même* présent dans le contact. Mais *je-me* peut en français se décliner autrement: par exemple “je me souviens”, “je me moque”, “je me fais plaisir”, etc.

apresenta detalhes que vão desde a profusão de recursos gráficos e de pontuação (parênteses, colchetes, itálicos, aspas), até a inclusão de notas de rodapé (no caso da tradução de Coracini). Além destes detalhes, há desafios de tradução que incluem decisões sobre manter referências em francês e sobre manter, na tradução, verbos com a mesma função sintática e, se possível, com a mesma significação. A propósito, o parágrafo trata justamente das possibilidades de *je*, *me* e *moi* como sujeito/objeto direto/objeto indireto. Outra característica importante da passagem é reunir referências ao alemão, ao inglês e ao francês, o que ainda apresentará novos desafios para as traduções para o espanhol e o português.

Observemos, pois, as decisões de Klein em:

In French, *moi* – unlike the German *ich* or the English *I* – fits the subject who says *je* like a glove (“moi, je dis, traduis, introduis, conduis, etc.”), just as it fits the subject that takes itself, or lets itself or causes itself to be taken, as an object (“prends-moi, par exemple comme je suis” or “traduis-moi, conduis-moi, introduis-moi, etc.”). A glove through which I can even touch *myself*, or my fingers, *as if* I were present to myself in the contact. But *je-me* can be declined differently in French. For example, “je me souviens, je me moque, je me fais plaisir, je me fais (un) présent, je me fais du rest un cadeau” [“I remember, I make fun, I have fun, I give

myself (a) present, I give myself a gift besides”, where *me* is an indirect rather direct object].

O primeiro aspecto que salta aos olhos é a inclusão de uma “finalização” nesta passagem, que não aparece nos textos em francês de 1982 e de 1987: “je me fais (un) présent, je me fais du rest un cadeau” [“I remember, I make fun, I have fun, I give myself (a) present, I give myself a gift besides”, where *me* is an indirect rather direct object]”. Creio que, aqui, Klein estendeu-se nos exemplos para encenar a impossibilidade de se transpor para o inglês, sem perdas, a noção do *me*, em francês, que funciona como objeto indireto e não como direto. Outra estratégia que chama a atenção foi a de não traduzir as passagens em francês isoladas entre parênteses. O que não é uma regra visto que, na “finalização” incluída, o tradutor apresenta traduções para as expressões verbais em francês. Como um todo, a relação *je-moi* pôde aparecer com sucesso na tradução para o inglês, na forma de *I-me*. Entretanto, o *me*, em inglês, funciona tanto na forma de reforço do sujeito, correspondente ao *moi*, quanto na forma de pronome de objeto direto e indireto o que, certamente, gerou a inclusão da finalização para explicar o problema de tradução correspondente. Cabe observar também que *je*, *moi* e *je-me* (mantidos em itálico no texto em inglês), não foram traduzidos. Analiso esta opção como uma forma de enxerto do francês no inglês, que incorpora um termo outro que prescinde de tradução. Da mesma forma, o *ich* alemão também ficou enxertado no inglês.

Em espanhol, podemos observar as seguintes estratégias na tradução de de Peretti:

En francés, a diferencia del *Ich* alemán y del *I* inglés, *moi* le va como un guante al sujeto que dice *je* (“yo”) (*moi, je dis, traduis, introduis,*

conduis... etc. ”, “yo, digo, traduzco, introduzco... etc.”) y al que se toma, se deja o se hace tomar como si fuera un objeto (*prends-moi, par exemple comme je suis*, “tómame, por ejemplo como soy”, o *traduis-moi, conduis-moi, introduis-moi... etc.*, “tradúceme, condúceme, introdúceme... etc.”). Un guante a través del cual, incluso, yo *me* toco, o los dedos, *como si* yo estuviera a *mí* mismo presente en el contacto. Pero, en francés, *je-me* (“yo-me”) puede declinar-se de otro modo: por ejemplo *je me souviens* (“yo me acuerdo”), *je me moque* (“yo me burlo”), *je me fais plaisir* (“yo me doy gusto”), etc.

A tradutora fez uso dos itálicos primeiro para marcar as palavras diferentes do espanhol e, segundo, para marcar as ênfases do texto em francês. Incluiu suas traduções das passagens no francês, que aparecem entre parênteses, fazendo uso das aspas. De uma maneira interessante, traduziu *moi, je dis, traduis...* como: *yo, digo, traduzco...* Desta forma, em vez de procurar uma forma de manter, no espanhol, a função do *moi* como reforço do sujeito, iniciou a frase com *yo*, sem repeti-lo antes dos verbos. Para *je me moque*, utilizou o verbo *burlar* (zombar, escarnecer), mantendo-o como reflexivo. Cabe ressaltar que tanto o *ich* alemão quanto o *I* inglês não foram traduzidos, o que pode ser considerado como enxerto e como incorporação do alemão ou do inglês no espanhol.

Em seguida, analisaremos as traduções para o português, começando com Ferreira:

Em francês, diferentemente do *Ich* alemão e do *I* inglês, “eu” [*moi*] cai como uma luva ao sujeito que diz eu [*je*] (“eu, eu digo, traduzo, introduzo, conduzo, etc.”) [*moi, je dis, traduis, introduis, conduis... etc.*”]

e àquele que se coloca, deixa ou se faz colocar como objeto (“prendo-me [prends-moi], por exemplo como eu sou/estou [je suis] ou “traduzo-me” [traduis-moi], “conduzo-me” [conduis-moi], “introduzo-me” [introduis-moi], etc.”). Uma luva por meio da qual eu *me* toco, ou os dedos, *como se* eu estivesse presente *a mim* mesmo no contato. Mas *eu-me* [je-me] pode em francês se declinar de outra forma: por exemplo, “eu me lembro” [je me souviens], “eu me ridicularizo” [je me moque], “eu me satisfação” [je me fais plaisir], etc.

Aqui, a tradutora utilizou as passagens entre parênteses do texto em francês da seguinte forma: deixou sua tradução entre parênteses e entre aspas e transferiu as expressões em francês para dentro de colchetes, após as traduções. Quanto às passagens do texto em francês que apareciam em itálico, manteve-as, no português, com a mesma ênfase. A passagem *moi, je dis...* ficou traduzida como “eu, eu digo...”. Por um lado, esta decisão faz aparecer o reforço do sujeito, mas apaga a diferença que aparece na relação *je-moi* ou *I-me*. Em *prends-moi, par exemple comme je suis*, Ferreira explorou as possibilidades do verbo *être* em *je suis* apresentando as duas formas possíveis: “eu sou/estou”. Quanto à frase *je me moque*, traduziu-a como “eu me ridicularizo” para manter o verbo como pronominal. Também aqui, tanto o *ich* quanto o *I* não foram traduzidos, o que denota um gesto de enxerto destas palavras dentro do português, a exemplo do que ocorreu no espanhol.

Passamos, então, para tradução realizada por Coracini:

Em francês, diferentemente do *Ich* alemão e do *I* inglês, *moi*(5) cai como uma luva no sujeito que diz *je* (“eu, eu [*moi*, je] digo, traduzo, introduzo,

conduzo... etc.”) e naquele que se toma, se deixa ou faz tomar por objeto (“toma-me [*moi*], por exemplo, como eu [*je*] sou” ou “traduza-me, conduza-me, introduza-me (6) etc.”). Uma luva, através da qual, até mesmo, eu *me* toco, ou os meus dedos, *como se* eu estivesse a *mim* mesmo [*moi-même*] presente no contato. Mas, *je-me* [*eu-me*] pode em francês (7) ser declinado de outro modo: por exemplo, “Eu me lembro”, “Eu me divirto”(8), “Eu me agrado” etc.

Aqui, a tradução das passagens que aparecem no francês entre parênteses deu-se da seguinte forma: a tradução para o português ficou entre parênteses e entre aspas e as passagens em francês ficaram isoladas entre colchetes. Também as ênfases em *italico* foram mantidas conforme apresentadas em francês. Chama a atenção, nesta tradução, o uso que Coracini fez das notas de tradução para explicar (nota 5): “Convém lembrar que o francês tem duas formas para o pronome de primeira pessoa “*moi*” e “*je*”, o primeiro servindo de reforço ou ênfase para o segundo”; (nota 6): “Em francês: “*traduis-moi, conduis-moi, introduis-moi.... etc.*”; (nota 7): “E em português, também”; (nota 8): “Em francês: “*je me moque*” é também pronominal. Em vez de “eu cação”, preferi traduzir, em português, por “eu me divirto” para manter o pronome”. Como ocorreu nas traduções anteriores, Coracini também não traduziu *ich* e *I*, o que pode ser considerado como uma forma de enxerto do alemão e do inglês no português.

Por fim, incluo minha tradução para a passagem:

Em francês, diferentemente do *Ich* alemão e do *I* inglês, *moi* [eu, me] cai como uma luva no sujeito que diz *je* [eu] (*moi, je dis, traduis, introduis,*

conduis... etc. [quanto a mim, eu digo, traduzo, conduzo... etc.²¹]) e naquele que se toma, se deixa ou faz tomar por objeto (*prends-moi, par exemple, como je suis* [toma-me, por exemplo, como eu sou] ou *traduis-moi, conduis-moi, introduis-moi... etc.* [traduza-me, conduza-me, introduza-me, etc.]). Uma luva através da qual, até mesmo, eu *me* toco [*je me touche*], ou os dedos, *como se* eu estivesse presente a *mim* mesmo [*à moi-même*] nesse contato. Mas *eu-me* [*je-me*] pode se declinar de outra forma em francês: por exemplo *je me souviens* [eu me recordo], *je me moque* [v. nota abaixo²²], *je me fais plaisir* [apraz-me].

A tradução que realizei exigiu algumas tomadas de decisão sobre alguns pontos indecidíveis. Como um todo, procurei marcar todas as minhas intervenções, tanto na tradução quanto na reprodução de termos em francês, com colchetes. Quanto aos itálicos, procurei manter os do texto em francês, tanto nas ênfases quanto na reprodução das expressões utilizadas em francês. Já para as passagens que exigiram a “decisão sobre o indecidível”, adotei as notas de tradução, sendo que, na primeira (no. 21), apresentei uma tradução possível e, na segunda (no. 22), expliquei o problema de tradução surgido, sem sugerir tradução. Percebo que eu também omiti a tradução de *ich* e *I*, o que denota uma forma de enxerto destas palavras no português.

Esta passagem, que encena significativamente as diferentes escolhas e as várias formas de intervenção realizadas pelos tradutores, é também exemplar em nos apresentar à questão do enxerto e do implante. “Nestas traduções há um jogo de implante e enxerto entre

²¹ Em português, o *moi* perde a noção de mero reforço do *je*. De uma forma mais literal teríamos: “eu, eu digo...”, que não corresponderia à forma que se costuma usar no português.

²² Os verbos que podem ser utilizados na tradução para o português, “eu zombo, eu escarneço, eu faço pouco caso”, não são pronominais.

as línguas que evidencia o fato de que há línguas, que há uma permissão para que as línguas se misturem como já estão misturadas num único sistema lingüístico”, pondera Ottoni (2001b), apontando para a reciprocidade entre línguas, efeito da “contaminação necessária” entre sistemas lingüísticos. Esta cena evidencia que nunca há somente duas línguas em contato: “Assim podemos afirmar que na tradução recíproca não há somente duas línguas envolvidas, que não há nunca duas línguas, o que há são suas multiplicidades”. (Ibidem)

Este enxerto ou implante, esta forma de receber, de incorporar o Outro dentro do idioma, é próprio da desconstrução, que reconhece que o Outro deve permanecer como outro, mas ao mesmo tempo nos afetando com sua alteridade. Esta aporia tem também fortes implicações anassêmicas, se pensarmos este evento como um contínuo em termos de negociação e contaminação.

2.2.4. Exercício 4

Em francês (Jacques Derrida):

Le repli de cette structure doit être reconnu, (...)

Em inglês (Richard Klein):

The *reapplication* [*repli*] of that structure must be acknowledged (...)

Em espanhol (Cristina de Peretti):

Hay que reconocer el repliegue de esta estructura, (...)

Em português (Élida Ferreira):

A dobra [repli] dessa estrutura deve ser reconhecida, (...)

Em português (Maria José F. Coracini): esta passagem não consta da versão reduzida da tradutora.

O desafio desta passagem é a palavra *repli*. Em português, ela remete a dobra, prega, sinuosidade, ondulação e até àquilo que é secreto, íntimo. Na dimensão derridiana, o termo remete àquilo que impede a leitura linear de um texto; invoca as oscilações, os ecos, os restos, as possibilidades de desdobramentos e disseminações. Por isso, anasemicamente, o *repli* de Derrida é um outro “repli”. Ou o que seus tradutores decidirem. Portanto, analisemos suas traduções.

Klein fez a seguinte tradução: “*reapplication* [repli]”. Chama a atenção o fato de o tradutor ter grafado sua decisão em itálico, o que denota um certo destaque, mas também deslocamento e estranheza da palavra dentro do texto. Por outro lado, o fato de *repli* aparecer entre colchetes sugere que Klein remete àquele *repli* de Derrida. E há que se observar que, deliberadamente ou não, *repli* aparece em *reapplication* com em uma espécie de anagrama. Mas o que chama a atenção é a tradução *reapplication*. Por não ter encontrado o termo em dicionário, infiro que ele terá sido uma criação de Klein, o que tornaria interessante inquiri-lo sobre os motivos de sua escolha. Encontrei na rede um uso não dicionarizado do termo como “nova matrícula”. Assim, resta-me explorar as possibilidades de significação para *application*, que remete a utilização, aptidão, adequação, pertinência, solicitação, petição, assiduidade, empenho, persistência, perseverança, termos que não têm conexão com dobra, desdobramento ou disseminação.

Na tradução para o espanhol, de Peretti utilizou o termo “repliegue” (em português: prega dupla), sem itálicos e sem referência ao termo em francês em colchetes. Simplesmente incorporou-o a seu texto. Esta decisão reflete uma limitação se levadas em conta as possibilidades de significação de *repli*.

Em português, Ferreira traduziu o termo como “dobra [repli]”. É interessante que a tradutora não tenha utilizado itálicos, nem no português, nem no francês (o que remeteria a um estranhamento ou um deslocamento). Como um todo, o fato de “repli” aparecer em colchetes como referência indica que essa “dobra”, especificamente, remete ao “repli” de Derrida.

Aqui incluo minha reflexão sobre o termo. Por um lado, considero o termo “dobra” como limitado, preferindo, antes, a noção de “desdobramento”, que sugere prosseguimento, disseminação. Por outro, gostaria de apresentar uma tradução anassêmica. Ocorrem-me as seguintes sugestões: “des-dobramento” ou “desdobramento”. Apesar de ambas as soluções significarem também uma anulação da dobra, ainda guardam referência à dobra e incluem a noção de continuidade.

O mérito deste exercício foi demonstrar como a tradução de um único termo pôde acarretar tantos *desdobramentos* e conseqüências. Para a noção engendrada por Derrida, que indica que – anasemicamente – existe “repli” e o *repli* do autor, há várias decisões que entram em jogo em outras línguas. E essas tomadas de decisão estão longe de sugerir linearidade no processo.

2.2.5. Exercício 5

Conforme já comentei no segmento sobre o *Moi – la psychanalyse*, Derrida encerra o texto com um duplo gesto: ao mesmo tempo em que convida o leitor a traduzir, conclui o texto com reticências, como um convite a novas escrituras ou como um fio deliberadamente solto em uma urdidura. Portanto, encerrando parcialmente este exercício, analiso suas linhas finais:

Em francês (Jacques Derrida):

Si je dis que la question aura été posée, d'elle-même, en pierre d'attente, ce n'est pas pour présumer le savoir de ce que "pierre" veut dire.

Ni pour décider de l'intonation avec laquelle vous diriez dans la fausse intimité aux déclinaisons si multiples du *Je-me* : *Moi – la psychanalyse – vous savez...*"

Em inglês (Richard Klein):

And if I say that question has already begun to be posed, by itself, like a tothing stone [*en pierre d'attente*], it is not in order to presume to know what *stone* means.

Nor in order to decide with what intonation you will say, in the false intimacy so variously declined of I – me: ME – psychoanalysis – you know.

Em espanhol (Cristina de Peretti):

Si digo que la cuestión habrá quedado planteada, por sí misma, como piedra angular, no es con intención de presuponer el saber de lo que quiere decir “piedra”.

Ni con intención de decidir con qué entonación dirán ustedes en la falsa intimidad de las múltiples declinaciones del *Yo-me*: Yo –el psicoanálisis- ya saben ustedes...

Em português (Élida Ferreira):

Se digo que a questão será colocada, por si mesma, como pedra angular, não é para presumir o que “pedra” quer dizer. Nem para decidir a entonação com a qual vocês dirão na falsa intimidade das declinações múltiplas do *eu-me-mim*: EU – a psicanálise, vocês sabem...

Em português (Maria José F. Coracini): Conforme já tive a oportunidade de comentar há pouco, Coracini utilizou uma versão reduzida do texto de Derrida, que não compreende a passagem em análise.

A questão a que se refere a passagem do texto de Derrida é a seguinte: “Ora, uma vez que falamos aqui de uma dificuldade de tradução, em suma, da homonímia do “Eu” [Moi] e da singular locução “o Eu [le Moi] da psicanálise”, a questão coloca-se por si: e se houvesse a cripta ou o fantasma no Eu [le Moi] da psicanálise?” (Derrida, 2002, p.21)

Já mencionei, nos comentários sobre o *Moi – la psychanalyse*, que Derrida pergunta quem tem a “autoridade” de dizer “Eu” no âmbito da psicanálise: a metapsicologia ou a

própria psicanálise? Adicionalmente, esta questão também retoma aquela da ambigüidade do *Moi* como sujeito-objeto e acrescenta um novo tema desenvolvido por Abraham e Torok: a cripta, “alojada, como um “falso consciente”, como a prótese de um “inconsciente artificial”, no interior do “ego” clivado”. (Ibid.) Ao sugerir a noção da cripta, Derrida está introduzindo mais um tema polêmico dentro da reflexão dos psicanalistas húngaros.

Retomando as passagens selecionadas, em:

Si je dis que la question aura été posée, d’elle-même, en pierre d’attente, ce n’est pas pour présumer le savoir de ce que “pierre” **veut dire**.

Ni pour décider de l’intonation avec laquelle vous diriez dans la fausse intimité aux déclinaisons si multiples du *Je-me* : Moi – la psychanalyse – vous savez...”

destaquei em negrito o que considero como desafios derridianos: *veut dire* pode estar “querendo dizer” algo. Derrida gosta de explorar as possibilidades de significação desta expressão verbal que ao mesmo tempo pode *querer dizer* “significar” e mesmo “querer dizer”, estabelecendo já um jogo dentro do próprio francês. Por exemplo, temos em *Des Tours de Babel* (1987b): “Todo o enigma deste parentesco concentra-se aqui. O que quer dizer “o que querem dizer”? (p. 230) Já em *Je-me*, há o “Je” que pode ou não estar em maiúscula. Por fim, as reticências, pela minha óptica, sugerem o convite de Derrida a que o texto seja complementado.

Em sua tradução:

And if I say that question has already begun to be posed, by itself, like a tooting stone [*en pierre d'attente*], it is not in order to presume to know what *stone* means.

Nor in order to decide with what intonation you will say, in the false intimacy so variously declined of I – me: ME – psychoanalysis – you know.

Klein sintetizou o *veut dire* em *means*, o que apaga o jogo do “querer dizer” do francês. No inglês, “I” é por regra escrito em maiúscula, o que também neutraliza a necessidade de decisão sobre adotá-la ou não. Por fim, Klein não utilizou as reticências, preferindo o ponto final. Fazendo uso de outros recursos, o tradutor referiu-se ao francês entre colchetes, “[*en pierre d'attente*]”, o que pode significar um destaque, e grafou ME em caixa alta, o que amplia o destaque à palavra, podendo inclusive inseri-la numa dimensão anassêmica. Não colocou em destaque o “I-me”. Em tempo, *stone*, em sua segunda ocorrência, apareceu em itálico e não entre aspas.

De Peretti, ao traduzir:

Si digo que la cuestión habrá quedado planteada, por sí misma, como piedra angular, no es con intención de presuponer el saber de lo que quiere decir “piedra”.

Ni con intención de decidir con qué entonación dirán ustedes en la falsa intimidad de las múltiples declinaciones del *Yo-me*: Yo –el psicoanálisis– ya saben ustedes...

suportou os desafios desta forma: manteve a noção do “querer dizer” em *quiere decir*; grafou o *Yo* em maiúscula e, por fim, manteve as reticências ao final do texto.

Em português, Ferreira incorporou o parágrafo final ao anterior:

Se digo que a questão será colocada, por si mesma, como pedra angular, não é para presumir o que “pedra” quer dizer. Nem para decidir a entonação com a qual vocês dirão na falsa intimidade das declinações múltiplas do *eu-me-mim*: EU – a psicanálise, vocês sabem...

Quanto aos desafios, adotou as seguintes posições: utilizou “quer dizer” para *veut dire*. Traduziu o *Je-me* sem maiúsculas, mantendo o destaque em itálico: “*eu-me-mim*”, abrindo, com sua decisão, o leque de significação do *je-me*, uma vez que o *me* do francês comporta tanto o “me” quanto o “mim” do português. Assim como de Peretti, manteve as reticências ao final e adotou a mesma estratégia de Klein, grafando “EU”, de “EU – a psicanálise”, em maiúsculas, uma solução que, como já observei antes, considero anassêmica em suas implicações.

Neste ponto, incluo minha sugestão de tradução:

Se digo que a questão terá sido colocada, por si mesma, como pedra angular, não é na presunção de saber aquilo que “pedra” quer dizer.
Nem para decidir a entonação com a qual vocês dirão, com a falsa intimidade das declinações tão múltiplas do *eu-me*: Eu – a psicanálise – vocês sabem...

Em minha tradução mantive o “querer dizer” para *veut dire*, que acrescenta um quê de vida própria à locução verbal. Grafei o “eu-me” em minúsculas e em itálico, como Ferreira, e também mantive as reticências finais, sugerindo um desejo de complementação do texto. Ainda com relação ao “eu-me”, preferi não incluir o “mim” de Ferreira para remeter ao hiato entre o *je* e o *me* de que falam os textos de Abraham e Derrida.

Este exercício evidenciou, principalmente, a noção do *double bind* na tradução. Especificamente com relação à expressão verbal em francês *veut dire*, percebemos que línguas aparentadas com o francês como o espanhol e o português permitem manter o jogo que aglutina “significar” e “querer dizer”, repetindo tanto a ambigüidade da expressão quanto a vida própria e o desejo que a expressão sugere. No inglês este jogo não é possível, já que a expressão *wants to say* para *veut dire* pode parecer deslocada dentro daquele idioma. Assim, há que se suportar o intraduzível, o que coloca o tradutor *entre* a impossibilidade e a necessidade da tradução.

2.2.6. Um prolongamento do exercício anassêmico

Fazendo jus a quem concebeu o termo, gostaria de estender este exercício para as traduções efetuadas, em português, da *anasémie* de Nicolas Abraham. Problematicando a criação do termo no francês, podemos dividi-lo em duas partes: *ana* e *sémie*, obtendo, então, o prefixo *an(a)* - que remete a ausência, privação, movimento contrário - para o radical *sémie*, do grego *sema*: traço semântico mínimo não passível de ocorrência independente; sendo o que é semântico da ordem da significação. Portanto, a *anasémie* é a figura da ordem da anti-semântica. Pois bem: o termo também poderia ter sido grafado em

francês *anassémie*; entretanto, o termo foi concebido assim, já contendo um estranhamento, ou talvez um enxerto do grego no francês.

A tradução de Coracini (1995) é *anassemia*, que sugere um desejo de apropriação, de assimilação da palavra no português. Entretanto, esta solução não deixa de carregar a noção do estranhamento por se manter como neografismo, desafiador e instigante.

Já a tradução de Fábio Landa (1999) é *anasemia*, que revela o desejo do tradutor de manter o estranhamento do termo concebido por Abraham. Na verdade, cria um duplo estranhamento, pois mantém o estranhamento do francês e o transmite para o português.

Poderíamos prosseguir este exercício exaustivamente, pois tanto a linha de reflexão de Abraham quanto a de Derrida apresentam numerosos exemplos de desafios tradutórios. Entretanto, com o intuito de encerrar este segmento, sem, no entanto, fechar a questão, incluo aqui, virtualmente, como outro exercício anassêmico, o artigo *Tradução da différance: dupla tradução e double bind*, de Ottoni (2000), em que o autor problematiza a criação do neografismo *différance*, por Derrida, para então comentar cada uma de suas muitas traduções, tanto no português de Portugal quanto no português do Brasil. Demonstrando o que está em jogo nesta cena, Ottoni conclui desta forma o seu “exercício”:

Desse modo, na tentativa de estabelecer o mesmo jogo - o *a* no lugar de *e* – a *diferança*, *diferência*, *diferância*... passam a ser reguladas pela dimensão desconstrutivista que permite a disseminação de múltiplas alternativas e gerando, assim, o que considero efeitos de tradução da *différance* no “jogo da desconstrução”. Essa disseminação é um acontecimento que encena, de modo magistral, ao mesmo tempo, o

próprio jogo da *différance*, (con)fundindo desconstrução e tradução, e o *double bind*: traduzindo e não traduzindo *différance*. (p. 54)

As noções de dupla tradução e de *double bind* carregam em si o mesmo peso da produção de significados da dimensão anassêmica, pois remetem ao deslocamento de uma posição de partida e de chegada para o intervalo entre esses dois pólos, onde ocorrem negociações, contaminações, enxertos, implantes e rupturas, gerando e transformando significações.

2.3. Entretanto, ainda algumas palavrinhas...

O objetivo destes exercícios foi encenar como a anassemia se instala de várias formas nesta análise de traduções: a partir de uma questão de tradução introduzida por Derrida, já então problemática dentro da própria língua, surgem várias outras questões a serem resolvidas quando, no caso, o francês é colocado em contato com outras línguas. Cria-se, nesse contato, um espaço em que o tradutor se vê “entre” e no “meio” de línguas, em que precisa articular uma série de decisões, sem pretender que essas decisões sejam as ideais. Ou definitivas. Mais adiante, ao confrontar os termos “língua”, “linguagem” e “idioma” com a noção de escritura, deter-me-ei nos aspectos “entre” e “no meio” segundo a óptica de Ottoni (1997) para explorar a noção de escritura como intervalo anassêmico.

Nos seis exercícios apresentados, foi possível observar que o tradutor está sendo permanentemente instado a tomar decisões e que há várias manobras através das quais ele estabelece negociações com o texto de partida e com o texto de chegada. No primeiro, o termo *moi* colocou os tradutores em pleno *double bind*, tendo que suportar as perdas e

ganhos que oferece a relação *je-moi*, e, adicionalmente, a questão das notas de rodapé os fez lidar com a cena do “dentro” e do “fora” do texto derridiano, gerando soluções e significações. No segundo, a primeira frase do texto, apesar de muito curta, gerou várias soluções a partir de questões que implicaram tanto a tradução do *moi*, quanto a “anassemização” do eu [*moi*] e a tradução do verbo *introduire*, envolvendo toda uma economia de sentidos. O terceiro exercício, mais longo, fez os tradutores lidarem com a administração de várias línguas que se interpenetravam, através de soluções gráficas e de pontuação, da manutenção da forma sintática de verbos e da manutenção, ou não, de termos em sua língua de partida. Este exercício abrangeu também as noções de enxerto ou de implante, e de *double bind*. O quarto, envolveu manter – ou não – o alcance anassêmico do termo derridiano *repli*, gerando soluções das quais foi possível apurar várias conseqüências. O quinto exercício propiciou explorar o alcance do uso que Derrida faz da expressão verbal *vouloir dire*, além de novamente problematizar a tradução do pronome *moi* e o uso das reticências. Por fim, o sexto exercício procurou demonstrar que a tradução do próprio termo anassemia [*anasémie*] presta-se a um exercício anassêmico, assim como a noção derridiana da *différance*. Temos em Ottoni (2001b) a síntese de todos os elementos em jogo nesta cena multilíngüe: “A tradução inevitavelmente promove a língua e faz transbordar, é o momento mais explícito do confronto de línguas, das diferenças e semelhanças entre elas e das diferentes línguas existentes numa mesma língua”.

Um aspecto muito rico deste exercício foi o de permitir a observação de três movimentos. Primeiro, o da tradução dentro da própria língua, ou seja, daquilo que causa tensão já na sua elaboração. Segundo, o da tradução entre línguas, encenando justamente esta situação “entre” e “no meio” – a contaminação. O terceiro movimento, que considero igualmente importante, é o das várias traduções para uma mesma língua – no caso, as

traduções para o português - de Ferreira, Coracini e minhas - em que estão em jogo não apenas línguas e culturas, mas escolhas individuais. Mais adiante, no segmento sobre escritura, inconsciente e tradução, estarei abordando, em Bass, a forma com que o inconsciente, que abrange a dimensão das escolhas individuais, gera significância no exercício da tradução.

É importante observar que, na dimensão anassêmica, a desconstrução labora e colabora. A leitura desconstrutivista de um texto, seja do texto a traduzir ou do texto traduzido, permite avaliar aquilo que está em jogo, que está na trama desse tecido textual, o que nos remete, novamente, à posição “entre” e “no meio” dos elementos do jogo. Nesse ponto, portanto, a desconstrução tangencia a psicanálise, naquilo que esta precisa deslocar-se de seus pólos - o analista, o paciente; o consciente, o inconsciente – para que seja possível a produção de sentidos na visão de Abraham.

Capítulo terceiro

3.1. O intervalo anassêmico como escritura

Nos próximos dois segmentos, estarei desenvolvendo algumas ponderações que afloraram como exercícios de reflexão necessários para que fosse possível visualizar os efeitos desta urdidura. Dentro deles, é importante a noção de escritura, tanto no âmbito da tradução, quanto no âmbito da psicanálise. Kofman (1984) tem uma contribuição importante no sentido de compor o cenário para as ponderações, abordando inconsciente, psicanálise e escritura:

A originalidade da psicanálise não é ter inventado o inconsciente, mas tê-lo inserido por toda parte e, portanto, não tê-lo feito aparecer em lugar nenhum, ele próprio, em pessoa. Uma tal noção, como a escritura ou a *différance* derridiana, rompe todo limite e toda margem, abala, pois, profundamente a metafísica. (p. 55, minha tradução)

Os dois próximos segmentos têm também subjacente a problematização do “entre”, ensejada, respectivamente, por considerações sobre língua, linguagem e idioma, na convergência da tradução com a psicanálise, e por um questionamento que gira em torno de inconsciente, escritura e tradução.

3.2. Língua, linguagem e idioma – considerações para a psicanálise e a tradução

Sob o risco de chocar alguns lingüistas e lexicólogos, não estabelecerei aqui a diferença entre língua, idioma e dialeto. A língua não adquire seu estatuto a partir de uma legitimação externa? Não é ela a consagração de um idioma dialetal, a dignidade que lhe conferem os poderes históricos e políticos, a partir de critérios, que são essencial e intrinsecamente lingüísticos? Um dialeto é incorporado por uma língua, parece, quando os seus sujeitos exigem e sobretudo quando têm o poder de fazer reconhecer sua exigência em uma cena sociológica. Um inglês não diria que a língua é um dialeto with a navy?

Jacques Derrida

Les temps des adieux – Heidegger (lu par) Hegel (lu par) Malabou²³

Como traduzir um texto cuja estranheza está no fato de ele tornar estranha para o tradutor a própria língua daquele que traduz?

Marcos Siscar (2000)

Sim, eu tenho senão uma língua, ora ela não é minha.

Jacques Derrida (2001b)

Qual é a língua da psicanálise? Existe a língua da psicanálise? É língua, linguagem ou idioma? Como ela se expressa? O que ela *quer dizer*? Como ela se traduz? Se é possível ouvir a psicanálise falar em primeira pessoa, se ela pode dizer Eu, esse estranho e anassêmico “eu” maiúsculo, de que meio, de que sistema se serve?

Confrontada com estas questões, vi-me diante da necessidade de procurar, antes de tudo, definições gerais e estabelecer parâmetros para falar de língua, linguagem e idioma no trânsito das exigências da tradução e da tradução da psicanálise.

Primeiramente, recorri ao léxico, pois muitas vezes se utiliza um termo pelo outro, indiscriminadamente. Por exemplo, falamos da língua ou do idioma de um povo, ou nos referimos à língua ou linguagem de uma pessoa ou de um grupo. A consulta ao *Novo*

²³ *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger*, tome CLXXXVIII, 1992, pp.3-47. Tradução de Ottoni, conforme citação em Ottoni, 2002.

Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa também registra esta coincidência de sentidos, mas também, pelas várias acepções apresentadas, parece indicar uma tendência para o entendimento de cada termo.

Temos, então, para **língua**: *O conjunto das palavras e expressões usadas por um povo, por uma nação, e o conjunto de regras da sua gramática; idioma [...]; sistema de signos que permite a comunicação entre os indivíduos de uma comunidade lingüística; [...] sistema lingüístico que resulta da aquisição; [...] continuo de variedades lingüísticas que, por razões culturais, políticas, históricas, geográficas, é considerado como entidade única que delimita uma comunidade lingüística; [...] língua concebida por um indivíduo ou grupo com o fim de solucionar os problemas de comunicação entre os povos [...]; língua utilizada na comunicação entre comunidades que falam línguas diferentes, como foi o caso do latim na Idade Média e, na atualidade, do inglês [...]; língua geral [...]; língua materna [...] a primeira língua que o indivíduo aprende, ger. ligada ao seu ambiente. Assim, como tendência, temos a língua relacionada ao sistema, às regras, e também à segurança (materna), dentro da comunidade e do ambiente.*

Para **linguagem**, temos: *o uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão e de comunicação entre pessoas [...]; a forma de expressão pela linguagem própria de um indivíduo, grupo, classe, etc [...]; o vocabulário específico us. numa ciência, numa arte, numa profissão, etc.; língua [...]; vocabulário, palavreado [...]; tudo quanto serve para expressar idéias, sentimentos, modos de comportamento e que exclui o uso da linguagem; a linguagem musical [...]; todo sistema de signos que serve de meio de comunicação entre indivíduos e pode ser percebido pelos diversos órgãos dos sentidos; [...] a que exprime sentimentos e emoções que um indivíduo experimenta ou que deseja provocar no ânimo do interlocutor [...]; sistema de signos de expressão e de comunicação*

[...]; *conjunto de instruções e regras de composição e encadeamento, por meio do qual se expressam ações executáveis*. Essas acepções convergem na direção de um sistema voltado para o uso de signos na expressão e comunicação de idéias e sentimentos e também para o âmbito do vocabulário, do léxico.

Para **idioma**, as acepções são bem mais modestas: [*Do gr. idioma, 'caráter próprio de alguém', 'particularidade de estilo', pelo lat. tard. idioma, 'idiotismo' em gramática.*] [...] *língua de uma nação*; [...] *língua peculiar a uma região*. Aqui a coincidência com a noção de língua é clara, mas, nos textos que mencionarei adiante, o termo idioma parece estar mais ligado à questão do “caráter próprio” e à “particularidade de estilo”.

Ampliei esta pesquisa para abranger também a forma com que alguns dicionários temáticos explicam os termos em questão. Recorri portanto a dicionários de lingüística e psicanálise. Economicamente, não descreverei os verbetes para cada título/obra, assinalando apenas as convergências de sentido.

Na área da lingüística (*Dicionário de Termos Lingüísticos* organizado por Maria Francisca Xavier e Maria Helena Mateus; *Dicionário de Lingüística e Fonética*, de David Crystal; e *Diccionario de Terminologia Lingüística Actual*, de Werner Abraham, com colaboradores), as poucas menções a **idioma** confundem-se com **língua**. **Língua** e **linguagem** aparecem com freqüência relacionados conforme a noção saussureana de *langue* e *parole*. E, como um todo, temos **língua** apresentada de uma forma taxonômica como em língua acentual, língua-alvo, língua artificial, de comunicação, etc...

Para a área da psicanálise consultei o *Vocabulário da Psicanálise*, de Laplanche e Pontalis, que não traz nenhum verbete sobre **língua**, **linguagem** ou **idioma**. Já o *Dicionário de Termos de Psicanálise de Freud*, traduzido e organizado por Jurema Alcides Cunha, fala da função da linguagem, que é a de introduzir o material no ego, com conexão com

lembranças de percepções visuais e auditivas. Descreve também a linguagem do sonho, como oriunda de elocuções da vida de vigília, que foram tratadas como material bruto, desmembradas, alteradas levemente e, removidas de seu contexto.

Mas como estes termos são tratados no cenário da desconstrução?

Reproduzirei abaixo a epígrafe deste capítulo que é exemplar do que está em jogo sob a óptica derridiana:

Sob o risco de chocar alguns lingüistas e lexicólogos, não estabelecerei aqui a diferença entre língua, idioma e dialeto. A língua não adquire seu estatuto a partir de uma legitimação externa? Não é ela a consagração de um idioma dialetal, a dignidade que lhe conferem os poderes históricos e políticos, a partir de critérios, que são essencial e intrinsecamente lingüísticos? Um dialeto é incorporado por uma língua, parece, quando os seus sujeitos exigem e sobretudo quanto têm o poder de fazer reconhecer sua exigência em uma cena sociológica. Um inglês não diria que a língua é um dialeto with a navy?

Esta citação argumenta que, mais que definir ou delimitar um termo ou outro, o importante é mostrar os termos em atuação, porque é a cena sociológica que legitima o idioma e a língua. Retornemos a Derrida: “falar idiomáticamente seu idioma é o que se chama de língua materna. O de que não se apropria, e acolher o outro na sua língua é levar em conta naturalmente seu idioma”. (1998, p.224). Ottoni (2001a) aponta como consequência desta fala que Derrida “está querendo dizer que não há fronteiras entre língua e idioma” e instiga: “como pensar a contaminação entre a língua (enquanto um sistema

lingüístico) e o idiomático? Entre o in-traduzível e a tradução?” Aqui, Ottoni relaciona o contexto do idiomático com o acontecimento da tradução.

Temos também em Ottoni (1996) um outro matiz para o acontecimento da tradução, com olhos voltados para a psicanálise, no questionamento: “não seria o inconsciente um mecanismo atrelado à tradução enquanto manifestação de linguagem – porque há língua – e a partir desse acontecimento posso identificar esse mecanismo?” Na confluência do uso de linguagem e idioma para situar o evento da tradução, os dois termos, linguagem e idioma, parecem remeter a um espaço entre línguas, um espaço de movimento e contaminação, onde se dilui qualquer noção de pureza entre as línguas.

Temos, então, que esse movimento é o próprio da desconstrução, no momento em que Derrida a define como: “mais de uma língua” (1998, p. 221).

Aprofundando a questão do espaço entre línguas e ainda segundo a óptica de Ottoni:

Estar neste “meio”, neste “duplo” papel em que se encontra o tradutor, é um acontecimento decorrente não só porque há diferença lingüística entre as línguas, como também porque *há diferença de sistema de línguas inscrita numa só língua*. Este “meio” é o lugar do indivíduo, do sujeito que não se separa de seu objeto (a língua), das suas diferenças e nem das suas impurezas. O sujeito, ao traduzir, está “entre” a diferença de dois sistemas lingüísticos e no “meio” das *várias línguas* que compõem as línguas envolvidas na tradução. (1997, *itálicos do autor*)

Aqui, Ottoni se detém na questão da língua: se, por um lado, a língua se lhe apresenta como um “sistema lingüístico”, esse sistema parece perder seus contornos no

evento da tradução que envolve línguas diferentes, além das diferenças dentro da própria língua – o intervalo anassêmico. E essas diferenças se apresentam no idiomático, na linguagem, justamente como um movimento de resistência, de in-tradução.

No âmbito da psicanálise, os termos língua, linguagem e idioma ganham novos matizes e implicações através do olhar derridiano sobre a teoria de Freud. Por exemplo, ao explorar a metáfora da escritura dos sonhos, Derrida comenta:

Mas nas suas operações, no seu léxico e na sua sintaxe [da escritura do sonho], um resíduo puramente idiomático é irreduzível, o qual deve carregar todo o peso da interpretação, na comunicação entre os inconscientes. O sonhador inventa a sua própria gramática. Não há material signifiante ou texto prévio que ele se *contentasse* em usar, mesmo que jamais se prive dele. (1971, p. 196-197, *italico do autor*)

Estamos, pois, diante de uma cena em que o sonhador cria a sua gramática, mesmo sem abrir mão de outros materiais significantes. Ou seja, o sonhador também se encontra numa situação *entre* sua própria invenção e outro texto prévio. Na verdade, há um transbordamento mútuo e, conseqüentemente, uma contaminação. Derrida ainda explora a questão do caráter peculiar da escritura onírica: “Neste sentido, constituindo o corpo do signifiante o idioma para todo o palco do sonho, o sonho é intraduzível” (Ibid., p. 198). E o autor segue, citando Freud: “O sonho depende tão intimamente da expressão verbal que, como Ferenczi justamente notou, cada língua tem a sua própria língua de sonho”. (Ibidem)

Então, pergunto: como trabalhar com termos que não oferecem referências sólidas e nem se prestam à tradução, como o próprio Freud alerta: “no interior do aparelho psíquico nunca há relação de simples tradução”? (apud Derrida 1971, p. 199)

A resposta parece estar num deslocamento: no lugar desses termos, deve vir antes a noção da escritura e, no caso, a psíquica, um “trabalho de escritura que circula como uma energia psíquica entre o inconsciente e o consciente” (Derrida, 1971, p.201). O autor ainda recorre a Freud para explicar esse mecanismo: “a escritura psíquica não se presta a uma tradução porque é um único sistema energético, por mais diferenciado que seja, e porque cobre todo o aparelho psíquico. [...] Aqui, a energia não se deixa reduzir e não limita, mas produz o sentido”. (Ibid., p. 202)

Ao abordar este momento de *Freud e a Cena da Escritura* (Derrida, 1971), Kofman (1984) faz uma análise oportuna das implicações dessa noção de escritura:

Este trabalho de escritura de uma energia psíquica permite compreender a escritura em sentido restrito como a arquiescritura, é sua condição de possibilidade. Definitivamente, a escritura do sonho não se presta à tradução [...]. A energia é irreduzível e é produtora de sentido: a escritura do sonho como arquiescritura é anterior à distinção da força e do sentido.
(p. 64, minha tradução)

Temos, então, tanto no cenário da desconstrução quanto no da psicanálise, um espaço “entre” duas instâncias - duas línguas ou dois estados de consciência - em que há uma produção, tanto na forma de contaminação, como no caso do idiomático e da linguagem, como na produção de sentidos pela circulação de uma energia psíquica.

Nas passagens de *Moi – la psychanalyse* que analisei no exercício anassêmico, em francês, inglês, espanhol e nas três traduções para o português, procurei demonstrar de que forma acontecem a contaminação e a produção: a partir de termos que já se apresentam como um desafio na sua formulação em francês, Derrida incita seus tradutores a aceitar o desafio e a efetuar traduções que enfrentem o *double bind* e produzam significados. Os tradutores tiveram que embrenhar-se nesse intervalo “entre” e “no meio” de línguas e sofrer o impacto dessa área de negociações, aderências, rupturas e contaminações. Como traduzir, se é que se decide traduzir, a função sujeito-objeto, do *je-moi*, em *J’introduis – ici – moi -, à une traduction?* Qual o impacto de se traduzirem as reticências em *–vous savez...*, ao final do texto derridiano? Como traduzir a dimensão derridiana do *repli*? Como dar conta de um verbo pronominal que resiste a esta condição no texto traduzido, como em *je me moque*? Cada uma das traduções, com todas as diferenças que nelas entram em jogo - diferenças ditadas por línguas-linguagens-idiomas, culturas e subjetividade - suportou de alguma forma o impacto do *double bind*, com a marca da escritura.

Em *O Monolingüismo do Outro – Ou a prótese de origem*, Derrida (2001b) leva a questão das diferenças às últimas conseqüências ao problematizar a relação com a *sua* língua. Ele percebe que nem idiomáticamente podemos nos apossar de uma língua, pois a posse é sempre um ato que não se realiza, e lamenta: “Ora, jamais esta língua, a única que assim estou votado a falar, enquanto falar me for possível, e em vida e na morte, jamais esta língua única, estás a ver, virá a ser minha. Nunca na verdade o foi”. (p. 14)

Temos, portanto, na escritura, na escritura psíquica, inclusive, este constante movimento de apropriação inatingível, pois jamais podemos fincar os pés em um ponto definitivo ou sólido. Estamos sempre nesta posição “entre”, “no meio”, neste moto perpétuo, condição única de sua possibilidade. E esta situação insólita, em que jamais

podemos nos fixar em um ponto, em que jamais podemos contar com uma significação estável, por sua vez segue gerando significados constantemente para acompanhar esse contínuo. Esta é a cena da escritura.

3.3. Inconsciente, escritura e tradução

No início do texto *Freud e a cena da escritura*, Derrida (1971) ocupa-se em nos descrever o cenário que propicia o desenrolar das considerações que vai tecer: são em geral proposições apresentadas em *Gramatologia* que buscam desconstruir conceitos metafísicos e fonológicos que defendem as noções de presença, do *logos*, da *phone*, da filosofia como *episteme*, das aspas redutivas da fenomenologia. Essa desconstrução propicia que se fale em termos de *diferência*, termo que a tradutora do texto, Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, escolheu para *différance*, neografismo concebido por Derrida e oportunamente abordado por Ottoni (2000), conforme comentei em 2.2.6.

Derrida nos explica que o intuito de seu texto é apontar, na psicanálise, o que escapa ao fechamento logocêntrico e mostrar que Freud desestabiliza a segurança do sentido na escritura, abrindo um novo questionamento sobre metaforicidade, escritura e espaçamento (p.182).

Mais adiante, referindo-se a duas traduções para o francês de textos de Freud – *Esquisse* (1895) e *Note sur le bloc magique* (1925), aborda a questão da metáfora na noção-metáfora de tradução e escritura. Partindo da noção de escritura, Derrida nos explica que Freud, ao “renunciar à neurologia e às localizações anatômicas, não será para abandonar, mas para transformar as suas preocupações topográficas. Entrará então em cena a escritura”. (1971, p. 191). Seguindo o percurso de Derrida, Freud utiliza-se da metáfora da

inscrição (*Niederschrift*) para descrever a impressão das percepções no Inconsciente, no Pré-consciente e na Consciência. Ainda segundo Derrida, a partir da *Traumdeutung*, “a metáfora da escritura vai apoderar-se *ao mesmo tempo do problema do aparelho psíquico na sua estrutura e do problema do texto psíquico na sua textura*” (p. 193, itálicos do autor).

Essa cena de escritura será então explorada dentro do contexto do sonho. Derrida nos descreve o percurso de Freud na interpretação dos sonhos, partindo de uma noção de pura decifração de símbolos para chegar a uma operação mais desafiante:

Mas nas suas operações, no seu léxico e na sua sintaxe, um resíduo puramente idiomático é irreduzível, o qual deve carregar todo o peso da interpretação, na comunicação entre os inconscientes. O sonhador inventa a sua própria gramática. Não há material significante ou texto prévio que ele se *contentasse* em usar, mesmo que jamais se prive dele. (Ibid., p.197, itálico do autor)

Mais adiante, Derrida, depois de comentar que Freud já admitia que um mesmo conteúdo de sonho podia ter sentidos diferentes, para pessoas diferentes, explica que “a experiência inconsciente, antes do sonho que segue explorações antigas, não pede emprestados, produz seus próprios significantes, não os cria na verdade no seu próprio corpo, mas produz a sua significância”. (idem, p. 199)

É inevitável que, em se tratando de uma questão de sentido e significância, chegue-se logo à questão da tradução e, nesse sentido, ainda conforme o percurso proposto por Derrida, Freud parece oscilar entre a prática e a rejeição de uma noção de tradução. Derrida:

Por outro lado, esta impossibilidade de alguma maneira horizontal, de uma tradução sem perdas tem seu princípio numa impossibilidade vertical. [...] Se não podemos traduzir o sonho para uma outra língua é também porque no interior do aparelho psíquico nunca há relação de simples tradução. É sem razão que se fala, diz-nos Freud, de tradução ou de transcrição para descrever a passagem dos pensamentos inconscientes pelo pré-consciente em direção à consciência. (Ibid., p. 199)

Derrida prossegue explicando que o problema do conceito metafórico de tradução não reside na referência à escritura, mas na suposição de uma imagem de transporte de um material imutável de uma instância para a outra, a saber, do inconsciente para o consciente.

Se, por um lado, Derrida assevera que “o texto consciente não é portanto uma transcrição porque não houve que transpor, que transportar um texto *presente noutro lugar* sob a forma de inconsciência” (Ibid., p.200, itálico do autor), por outro oferece a seguinte proposição:

Como a consciência é para Freud superfície oferecida ao mundo exterior, é aqui que, em vez de percorrer a metáfora no sentido banal, é preciso pelo contrário compreender a possibilidade da escritura que se diz consciente e atuante no mundo (exterior visível da grafia, da literalidade, do devir-literário da literalidade, etc.) a partir desse trabalho de escritura que circula como uma energia psíquica entre o inconsciente e o consciente. (Ibid., p. 201)

Daqui tiro duas conclusões: primeiro de que a tradução, ou a análise, neste contexto, será sempre e também uma forma de escritura, não se prestando à metáfora de transporte ou transferência de significações de uma instância para a outra. Segundo, de que a menção ao “trabalho de escritura que circula *entre* o inconsciente e o consciente” (itálico meu) abre a possibilidade de se retomar a questão da anti-semântica da anasemia proposta por Nicolas Abraham em *A Casca e o Núcleo* (cf. 1995).

A partir deste ponto, e retomando uma questão que já ressaltai há pouco, a de que “a experiência inconsciente [...] produz a sua significância”, passo a abordar o texto *A história de um erro de tradução e o movimento psicanalítico*, de Alan Bass (1998).

Nesse texto, a tradução, a propósito, também é encenada como escritura, como produção de significância, na medida que, segundo Bass, o próprio inconsciente de Freud gerou um argumento, por intermédio da adoção da tradução de um termo para o alemão, em um texto sobre Leonardo da Vinci, em torno do qual desenvolveu toda uma teoria sobre sexualidade infantil e fetiche.

Freud, em seu texto *Leonardo da Vinci e uma lembrança da infância*, utilizou uma reminiscência da infância de da Vinci, em que o artista teria sido visitado no berço por uma ave. Freud não teria percebido ou teria ignorado, na tradução da narrativa do episódio a que teve acesso, que o nome da ave, *nibbio* em italiano, fora erroneamente traduzido por *Geier*, no alemão. Ocorre que *nibbio* significa milhafre e não abutre [*Geier*], como Freud manteve.

Bass apura uma série de consequências a partir desse evento, mas, em suma, defende que Freud veio a desenvolver toda uma teoria sobre sexualidade infantil e fetiches em torno dessa falha, certamente devido a uma relação de transferência e identificação com da Vinci que ele, Freud, viera a desenvolver.

Mas, para chegar a esse ponto, desenvolve considerações sobre psicanálise e tradução, em Freud, e sobre a tradução como transformação, em Derrida. Ambos, Derrida e Bass, parecem chegar a conclusões que considero complementares.

Enquanto os comentários de Derrida apontam para um evento que Nicolas Abraham viria a denominar anasemia, formado entre o inconsciente e o consciente, os de Bass também colocam a tradução nesse espaço, por intermédio da relação transferencial que se insere no intercâmbio entre Freud e da Vinci, entre o inconsciente de Freud e seu texto.

O momento é oportuno para comentar as considerações de Ottoni a este respeito, desenvolvidas no texto *Tradução e inconsciente: a resistência à análise como mecanismo de imposição da língua* (1996). Ao questionar a relação entre ler e traduzir um texto como forma de estar em análise, Ottoni defende que, enquanto na leitura é possível estabelecer uma relação simétrica e transferencial entre leitor e texto, como quer Arrojo (cf. 1993), na tradução o mecanismo é diferente. Por um lado, a relação entre tradutor e texto traz em seu bojo várias dessimetrias: “o sujeito, ao traduzir, está “entre” a diferença de dois sistemas lingüísticos e no “meio” de *várias línguas* que compõem as línguas envolvidas na tradução (Ottoni 1997, p. 23-4; *itálico do autor*). Por outro lado, ainda segundo o autor (1996), “a tradução impõe uma resistência, em parte inalisável, no momento em que surgem outras línguas, que se impõem necessariamente com suas diferenças e semelhanças na produção de um outro texto”.

Por um argumento ou por outro, Ottoni também remete à tradução como intervalo anassêmico, localizada que está nesse “meio”, nesse “entre”. Além disso, esse movimento de resistência não é uma recusa à significação. Ao contrário, como quer Derrida, “ela [a resistência] é tão carregada de sentido e, portanto, tão interpretável quanto o que ela disfarça ou desloca” (1996, p. 26).

Concluindo, todos os três textos em torno dos quais giram estas considerações parecem apontar para uma questão principal: o inconsciente é um “instrumento de significação”, como quer Bass, e é justamente no trânsito de negociações, aderências, rupturas, contaminações, enxertos e implantes entre o inconsciente e o consciente, entre as línguas, que se instalam o intervalo anassêmico e a tradução.

Com essas ponderações em mente, retorno agora à parte analítica desta dissertação. Nas passagens selecionadas do texto de Derrida, aponto para, pelo menos, três cenas em que ocorrem negociações (ou aderências, rupturas, contaminações, como queiram). A primeira instala-se dentro da própria língua francesa, na forma de um desafio formulado pelo autor. Há que se passar por essa negociação para chegar à segunda cena: as negociações entre as línguas. No exemplo em questão, o inglês, o espanhol e o português tiveram que entrar num “meio de campo” com o francês no acontecimento da tradução. A terceira cena a que me refiro remete às três sugestões de tradução apresentadas em português, o que aponta para o fato de que não houve uma concordância em uma tradução que poderia ser considerada a ideal, porque cada tradutora estabeleceu uma negociação particular com a passagem selecionada. Essas negociações, às quais também podemos nos referir como “energia circulante”, também podem ser tratadas como uma tensão: “É da tensão provocada pela presença explícita de várias línguas [...] que esta im-possibilidade – *double bind* – da tradução acontece”, lembra Ottoni (2001b).

Nesse espaço, nesse evento de produção, nessa cena de negociações, quer dentro da própria língua, quer entre línguas, parece-me justo, fundindo a reflexão de Abraham e as maiúsculas anassêmicas adotadas pelos franceses, sugerir que também possamos nos referir à tradução produtora de significados, palco das dessimetrias da língua e entre línguas e culturas, como a Tradução, com maiúscula: algo mais que um movimento de transporte,

como “tradução” sugere, mas de geração de significância e de transformação - cena de escritura.

Considerações finais

O alcance da anassemia para a tradução e a psicanálise

Let sleeping dogs lie, diz o ditado, em clara advertência contra o movimento de reavivar, visitar, ressuscitar conceitos e idéias que já geraram muita polêmica, mas que sossegaram em algum ponto do caminho.

Por motivos indeterminados, a anassemia pareceu adormecer em algum momento após sua divulgação. Conforme já mencionei anteriormente, depois do *Moi – la psychanalyse* e do prefácio *Fora* (Derrida, 1999b), Derrida não voltou a abordar nominalmente a anassemia e tampouco o termo foi utilizado por outros autores, exceto Landa (1999) e, surpreendentemente, Laplanche, Cotet e Bourguignon, em *Traduzir Freud* (1992, p.65)²⁴. O próprio Abraham faleceu em 1975, poucos anos após a publicação de *L'Écorce et le Noyau*.

Então, por que ressuscitar algo que, aparentemente, ficou esquecido em algum lugar do passado? Os motivos são vários e aqui retomarei alguns momentos de minha dissertação para argumentar a favor da restauração da anassemia, abordando principalmente seu impacto na psicanálise e na tradução.

Em primeiro lugar, se, por um lado, Derrida não voltou a retomar nominalmente o conceito da anassemia, por outro, o conceito parece reverberar em muitas das noções desenvolvidas dentro da desconstrução derridiana: a tradução dentro da própria língua, a sedução do “entre” e até a forma com que o autor de uma certa forma dialoga com os tradutores de todo o mundo, através de seus textos, apresentam-se como o próprio alcance da anassemia. Incluo, aqui, um esboço dessa reverberação:

²⁴ Os autores referem-se à anassemia como um “reerguimento de sentido”. Entendo que esta noção, entretanto, não dá conta, por exemplo, da produção de sentido envolvida no evento das maiúsculas anassêmicas (prazer e Prazer, sexo e Sexo, etc.).

A *différance*: Este neografismo concebido por Derrida, já bastante conhecido e abordado academicamente, vale-se de sua semelhança fônica com a palavra *différence* (diferença) e instaura inquietação na mudança sutil do *e* pelo *a*, na alteridade, no estranhamento que instala em seu interior. Além disso, o verbo latino *differre* [diferir, em português], radical do neografismo, tanto significa “ser diferente” quanto “adiar”, o que faz *différance* remeter tanto a “diferença” quanto a “diferimento”. *Différance* já carrega em si a questão da diferença e adicionalmente consubstancia a noção do estranhamento. Por um lado, propõe um problema de tradução dentro da própria língua em que foi concebido e, por outro, colocando-se numa situação de tradução para outra língua, estabelece um diálogo com o tradutor que estará, fatalmente, numa posição *entre* línguas, no intervalo de estranhamento, de ruptura e de contaminação. Em 2.2.6, tive a oportunidade de comentar o texto de Ottoni (2000), *Tradução da différance: dupla tradução e double bind*, como sendo exemplar da laboração anassêmica da *différance*.

O *double bind*: Para Derrida, no contexto da tradução, o *double bind* significa o duplo vínculo com que o tradutor se vê comprometido: a impossibilidade e a necessidade da tradução. Entre a impossibilidade de uma tradução sem perdas e a necessidade de que ela aconteça. *Entre*. A decisão sobre o indecível. Mais uma vez, vemos a anasemia instalada no cenário da tradução, nesse movimento imposto pela necessidade, nesse intervalo em que há que se reconhecer a diferença na impossibilidade, nesse momento de negociação e de contaminação.

Derrida e seus tradutores: Seja através de suas proposições, seja através dos neografismos que cria, Derrida está sempre entabulando um diálogo com seus leitores e tradutores. Colocar-se nesta situação de diálogo e desafiar, por assim dizer, os tradutores a

exercerem sua atividade, tendo seu texto por instrumento, remete à situação *entre* e ao intervalo anassêmico de negociação e contaminação.

O Eu da psicanálise: Em *L'Écorce et le Noyau*, Nicolas Abraham, num gesto ousado, coloca o próprio texto psicanalítico em psicanálise. O autor abre mão de qualquer tentativa de abordar a psicanálise de uma forma científica para analisá-la psicanaliticamente. Derrida, a seu modo, repete o gesto em seu texto *Moi – la psychanalyse*, notadamente no questionamento sobre quem tem autoridade para se denominar Eu, no confronto da metapsicologia com a própria possibilidade de a psicanálise analisar-se a si mesma. Ele pergunta: “O Eu da psicanálise talvez não seja uma introdução malfeita ao Eu de que fala a psicanálise: o que deve ser um Eu, se algo como a psicanálise puder dizer EU?” (2002, p. 17). Mais tarde, em *Estados-da-alma da psicanálise* (2001), mais de duas décadas após, Derrida insistirá no questionamento: “Qual a queixa da psicanálise? Que livro de condolências abre ela? Quem assina? (p. 14)

Em segundo lugar, a anassemia, à época de sua divulgação através do texto de Abraham, não parece ter causado um impacto significativo. Entretanto, quando questionei o Professor Fábio Landa²⁵ sobre por que uma teoria aparentemente tão promissora não teria “vingado”, ele me corrigiu: não “vingou” *ainda*. Ou seja, a noção parece ter ficado dormente para ressurgir agora, para germinar, talvez, num momento mais propício, favorecido, quem sabe, pelo desenvolvimento da teoria psicanalítica numa direção não doutrinária e mais teórica, e pela própria reflexão derridiana.

Sabemos, hoje, que Landa, que se dedica à psicanálise e à tradução, é um dos membros fundadores da *Association Européenne Nicolas Abraham et Maria Torok*. Esta

²⁵ Durante o curso de férias que ministrou na UNICAMP no verão de 2000.

associação foi fundada após a morte de Maria Torok, em 1998, com a finalidade mais imediata de organizar um colóquio sobre a obra dos dois autores húngaros, no decorrer do ano 2000. Certamente o biênio 2000-2001 foi de especial importância para o estudo da obra desses autores, pois ocorreu, em Paris, um seminário de introdução à obra de Abraham e Torok entre outubro de 2000 e junho de 2001, com Fábio Landa e Claude Nachin; foi organizado um grupo de trabalho, sob a coordenação de Jean Claude Rouchy e Silvia Feitel, de novembro de 2000 a maio de 2001, sobre novas perspectivas para a conduta da cura; houve um outro grupo de trabalho, que se reuniu entre outubro de 2000 e junho de 2001, com Stéphane Bollaert, Kathleen Kelley e Edith Schwallberg, para discutir a psicanálise infantil. Adicionalmente, em 2001, foram lançados: um livro com as atas do seminário – *La psychanalyse avec Nicolas Abraham et Maria Torok*, sob a direção de J.-C. Rouchy, pela editora Érès, e uma edição especial da revista *Coq Héron*, de nº 159, consagrada à obra de Nicolas Abraham e Maria Torok.

Como resultado de minhas investigações, percebo que é bastante clara a convergência de reflexões entre a desconstrução e a psicanálise, entre a tradução e a anasemia, o que propicia que estudemos este tema com renovado interesse, principalmente levando-se em conta o que estas atividades e noções geram em termos de negociação, de contaminação e de produção de significados. Isto nos faz refletir com muita atenção sobre o alcance e o papel tanto da tradução quanto da Tradução da psicanálise, no meio acadêmico e na prática da tradução.

Apesar das muitas pretensões a que se obrigam os trabalhos acadêmicos, esta dissertação é o que é: mais um fio urdido em uma trama textual muito mais ampla, com todos os pontos, laços, nós, dobras e desdobramentos necessários para compor um painel alusivo a esse evento insólito da anasemia, que congrega os interesses, os questionamentos

da tradução, da psicanálise e da desconstrução. Esse painel, entretanto, está longe de estar pronto e, se levarmos em conta todos os elementos de sua urdidura, seu destino é jamais estar. São muitos os fios soltos, cada qual pedindo para ser inserido na trama com a inclusão de outros elementos, transformando a todo instante a configuração geral do painel.

Mas, por ora, dou esta dissertação por concluída, convidando, entretanto, os estudiosos do tema a escolher um fio solto e urdi-lo. Afinal, estamos falando de anasemia e Tradução, psicanálise e desconstrução, *vocês sabem...*

Abstract

This dissertation broaches the interweaving of four texts: *Vocabulaire de la Psychanalyse*, of Laplanche and Pontalis; *L'Écorce et le Noyau*, of Nicolas Abraham; *Moi – la psychanalyse*, of Jacques Derrida; and *Ensaio sobre a criação teórica em psicanálise*, of Fábio Landa. After analysing these texts I concluded that there is a convergence of reflection which approaches psychoanalysis and translation. On the one side, Abraham conceived the concept of *anasemia*, which describes the production of meaning, in the field of psychoanalysis, focused in the gap between the conscious and the unconscious. He came to this concept after a psychoanalytical reading of *Vocabulaire de la Psychanalyse*, which led him to detect a movement of translation which occurs first inside the language itself and then *between* languages. On the other, Derrida embraces Abraham's text and transforms *anasemia* into anasemic translation, which occurs already within the source language itself and then between the source language and the target language. In this sense, the production of meaning occurs in the gap between languages and this gap produces negotiation and contamination of meaning, acknowledging as well the difference and the otherness. With basis on this convergence, I concluded first that Derrida's notion of the "in between" broaches translation as an anasemic gap, taking into account Abraham's psychoanalytical line of reflection. Further I concluded that, although Derrida seemingly never came to mention again the word *anasemia* in his texts published after *Moi – la psychanalyse*, there are still "symptoms" of anasemia in his work, such as in the notion of *differance* and in the double bind, in the approach of the *Me* of psychoanalysis and in the way Derrida claims to write for his translators and to be translated, placing himself in a gap of negotiation and contamination, in the anasemic gap itself.

Keywords: Abraham, Derrida, anasemia, deconstruction, psychoanalysis, translation.

Referências bibliográficas

- ABRAHAM, Nicolas - (1995). A Casca e o Núcleo. In *A Casca e o Núcleo*, de N. Abraham e Maria Török, trad. Maria José R. Faria Coracini. São Paulo: Ed. Escuta, pp. 191-212.
- (1999). *Jonas et le cas Jonas – Essai de psychanalyse littéraire*. Paris: Flammarion.
- ARROJO, Rosemary (1993). Tradução e o flagrante da transferência: algumas aventuras textuais com Dom Quixote e Pierre Menard. In *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*. São Paulo (SP): Imago Editora, pp. 151-175
- BASS, Allan - (1998). A história de um erro de tradução e o movimento psicanalítico. Trad. Neuza Vollet. In *Tradução: a prática da diferença*. Org. Paulo Ottoni. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, FAPESP. Pp. 55-90
- DERRIDA, Jacques - (1971). Freud e a Cena da Escritura. In *A Escritura e a Diferença*. Trad. Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Ed. Perspectiva. Pp. 179-227.
- (1972). *La Dissémination*. Paris: Seuil.
- (1979). Me – Psychoanalysis: An Introduction to the Translation of “The Shell and the Kernel” by Nicolas Abraham, trad. Richard Klein. In *Diacritics*, vol. 9, no. 1 (março de 1979). Baltimore: The Johns Hopkins University Press, pp. 4-12.
- (1982). Moi – la Psychanalyse. In *Meta*, Montréal, v. 27, no. 1.
- (1987a). Moi – la Psychanalyse. In *Psyché, Invention de l'autre*, Paris: Galilée, pp. 145-158.
- (1987b). Des Tours de Babel. In *Psyché, Invention de l'autre*. Paris : Galilée, 209-248.
- (1996). *Résistances à la psychanalyse*. Paris : Galilée.
- (1997). Yo – el psicoanálisis. In *Como no hablar y otros textos*. Trad. Cristina de Peretti. Projecto A – Ediciones, pp.70-80.
- (1998). Fidélité à plus d'un – Mériter d'hériter où la généalogie fait défaut. In *Rencontre de Rabat avec Jacques Derrida – Idiomes, Nationalités, Déconstructions*. Cahiers Intersignes (Paris) e Éditions Toubkal (Casablanca), pp. 221-26. Tradução inédita de Paulo Ottoni.
- (1999a). *Instantanés Philosophiques*. Tradução inédita de Paulo Ottoni.

- (1999b). Fora – As palavras angulosas de Nicolas Abraham e Maria Torok. In *Ensaio sobre a criação teórica em psicanálise*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP; FAPESP, pp. 269-319.
 - (2000). Eu – a psicanálise - Introdução à tradução de *A casca e o núcleo* (de Nicolas Abraham). Trad. Maria José R. Faria Coracini. In *Alfa*, São Paulo, v. 44 (esp), pp. 189-95.
 - (2001a). *Estados-da-alma da psicanálise – o impossível para além da soberana crueldade*. Trad. Antonio Romane, Isabel Kahn Marin. São Paulo: Escuta.
 - (2001b). *O Monolingüismo do Outro – Ou a prótese de origem*. Tradução de Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras Editores S.A.
 - (2002). EU – a psicanálise in *Pulsional Revista de Psicanálise*. Tradução de Elida Paulina Ferreira. São Paulo: Editora Escuta. Ano XV, n. 158, jun/2002, pp. 11-21.
- ELLMANN, Maud - (2000). Deconstruction and Psychoanalysis. In *Deconstructions – a User's Guide*. Ed. Nicholas Royle. Houndmills, New York: Palgrave. Pp. 211-237.
- KOFMAN, Sarah - (1984). Graphématique et psychanalyse. In *Lectures de Derrida*. Paris: Galilée, pp. 51-114.
- LANDA, Fábio - (1999). *Ensaio sobre a criação teórica em psicanálise: de Ferenczi a Nicolas Abraham e Maria Torok*. São Paulo: Editora UNESP; FAPESP.
- LAPLANCHE, Jean, P. Cotet e A. Bourguignon - (1992). *Traduzir Freud*, trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes.
- LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, J. –B. - (2001). *Vocabulário da Psicanálise*. Sob a direção de Daniel Lagache. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes.
- LIMA, Érica e SISCAR, Marcos – (2000). O decálogo da desconstrução: tradução e desconstrução na obra de Jacques Derrida. In *Alfa*, São Paulo: UNESP/FAPESP, v. 44 (esp). Pp. 99-112.
- OTTONI, Paulo R. - (1994). *Tradução: Reflexões sobre Desconstrução e Psicanálise*. Apresentado no V Encontro Nacional de Tradutores, UFBA. Inédito em publicações; disponível em rede no endereço <http://www.unicamp.br/~ottonix/>.
- (1996). *Tradução e Inconsciente: Resistência à análise como mecanismo de imposição da língua*: primeira versão apresentada como comunicação no VI Encontro Nacional de Tradutores em Fortaleza, na Universidade Federal do Ceará em 22 de outubro de 1996 na mesa redonda: *Tradução e Inconsciente*.

Inédito em publicações; disponível em rede no endereço <http://www.unicamp.br/~ottonix/>.

- (1997). Compreensão e Interpretação no Ato de Traduzir: Reflexões sobre o Enunciado e a Significação. In *Lusorama – Zeitschrift für Lusitanistik* nº 32, março de 1997, Berlim. Pp. 19-27.
- (2000). Tradução da *différance*: dupla tradução e *double bind*. In *Alfa*, São Paulo, v. 44 (esp), pp. 45-58
- (2001a). A responsabilidade de traduzir o in-traduzível: Jacques Derrida e o desejo de [la] tradução. Comunicação apresentada na mesa-redonda *Discurso e responsabilidade em tradução*, no VIII Encontro de Tradutores e II Encontro Internacional de Tradutores, promovido pela ABRAPT em 24/07/2001, Belo Horizonte, MG. Texto disponível na rede no endereço <http://www.unicamp.br/~ottonix/>.
- (2001b). Tradução recíproca e *double bind* – transbordamento e multiplicidade de línguas. In *Revista “Discursos – série Estudos de Tradução”* – nº 1 , pp. 127-44. Lisboa, Portugal: Universidade Aberta.
- (2002). Tradução e Desconstrução: A contaminação constitutiva e necessária das línguas. In *Pulsional – revista de psicanálise*, nº 158 (Tradução e Desconstrução), pp. 5-10, junho de 2002 – São Paulo, SP.

SISCAR, Marcos - (2000). Jacques Derrida, o intraduzível. In *Alfa*, São Paulo: UNESP/FAPESP, 44 (n.esp.), pp. 59-69.

TOROK, Maria - (1999). Posface de Maria Torok. In *Jonas et le cas Jonas – Essai de psychanalyse littéraire*. Paris : Flammarion, pp.149-151.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE